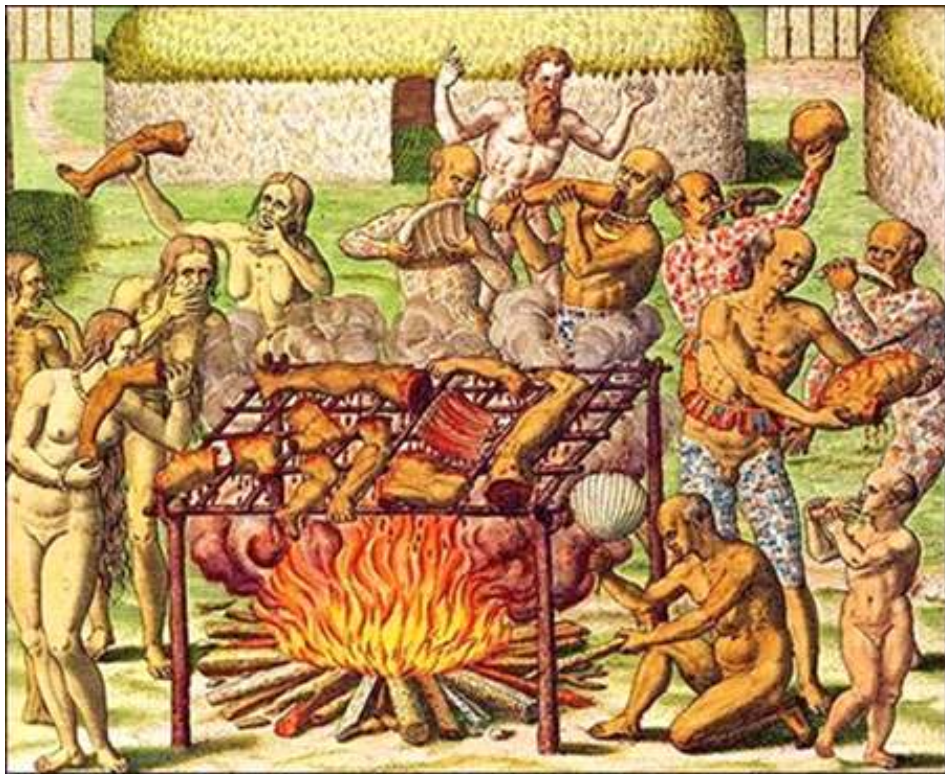


ANNE CAROLINE MARIANK ALVES SCALIA

**UM ESTUDO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL
DO BRASIL COLONIAL A PARTIR DAS
REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO
ENCONTRADAS EM CRÔNICAS E
XILOGRAVURAS DO SÉCULO XVI**



ARARAQUARA – S.P.

2014

ANNE CAROLINE MARIANK ALVES SCALIA

UM ESTUDO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL DO BRASIL COLONIAL A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO ENCONTRADAS EM CRÔNICAS E XILOGRAVURAS DO SÉCULO XVI

Trabalho de Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar. Exemplar apresentado para defesa.

Linha de pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Bolsa: CNPq

ARARAQUARA – S.P.

2014

Scalia, Anne Caroline Mariank Alves

Um estudo histórico da educação sexual do Brasil colonial a partir das representações do corpo feminino encontradas em crônicas e xilogravuras do século XVI / Anne Caroline Mariank Alves Scalia – 2014

113 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. Educação colonial -- História. 2. Corpo humano.
3. Século XVI. 4. Xilogravura. 5. Crônicas. I. Título.

ANNE CAROLINE MARIANK ALVES SCALIA

UM ESTUDO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL DO BRASIL COLONIAL A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO ENCONTRADAS EM CRÔNICAS E XILOGRAVURAS DO SÉCULO XVI

Trabalho de Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar. Exemplar apresentado para defesa.

Linha de pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Bolsa: CNPq

Data da defesa: 28/10/2014

Membros Componentes da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Universidade Estadual Paulista

Membro Titular: Dra. Andreza Marques de Castro Leão
Universidade Estadual Paulista

Membro Titular: Dra. Maria Tereza Machado Vilaça
Universidade do Minho

Membro Titular: Dr. João Guilherme Rodrigues Mendonça
Universidade Federal de Rondônia

Membro Titular: Dra. Débora Raquel da Costa Milani
Universidade Estadual Paulista

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Para aqueles que me apóiam,
incondicionalmente,
a cada escolha tomada.

Agradecimentos

Gostaria de deixar meus agradecimentos aqueles que acompanharam o desenrolar desta pesquisa e que contribuíram para sua realização.

Em primeiro lugar aos meus pais, Marcia e Rodolfo, pelo apoio e oportunidades que me ofereceram durante a vida. Mais do que isso, pelo exemplo, por me tornarem o ser humano que hoje sou, com minhas falhas, acertos e sonhos. Amo vocês!

Ao meu irmão Rodrigo, por partilhar, durante toda esta trajetória, o convívio diário; Por compreender meu nervosismo e angústia, por ser meu irmão e muitas vezes melhor amigo. Voltar a conviver com você foi, sem dúvida, a melhor parte desta jornada.

Ao Renan, parceiro incondicional. Meu amor, meu melhor amigo, meu cúmplice em cada detalhe. Obrigada por compreender cada lamento, cada sábado à noite em casa; pelas broncas e pelo colo, cada um na medida certa. Sem você, com certeza, nada disso seria possível.

Aos amigos, ao valor da amizade, fundamentais durante este processo. Em ordem alfabética, pra não gerar ciúmes, Cristian Rissi, Fábio Torres, Janaína Nascimento, Juliana Martinez e Shirley Romera. Meus queridos, vocês não fazem ideia da real importância que têm em minha vida. Adoro vocês!

Aos professores que nortearam minha jornada acadêmica com profissionalismo, paixão e acima de tudo, humildade. As professoras Ana Cláudia Bortolozzi e Isabel Chagas e ao orientador Paulo Rennes pelo respeito e oportunidade.

Finalmente, agradeço ao CNPq pela concessão da bolsa de estudos à qual possibilitou a realização do presente estudo.

Prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante

Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo [...]

Raul Seixas (2003, disco 1, faixa 1)

RESUMO

Esta pesquisa está inserida em um projeto integrado maior que tem como objetivo resgatar, organizar e sistematizar dados que subsidiem o estudo da historiografia da Educação Sexual no Brasil. Pretendemos, neste estudo, analisar as representações do corpo feminino em obras do século XVI do Brasil Colonial bem como das xilogravuras confeccionadas e/ou organizadas nestas mesmas obras, pois entendemos que esta análise e as “desconstruções” destas representações servem de parâmetro e subsídio para a compreensão da evolução das concepções de sexualidade e a institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. A presente pesquisa, de cunho histórico e documental, remeteu-se a fontes primárias, constituídas por quatro crônicas do século XVI: *Americae Tertia Pars*, de Theodore de Bry, *Viagem à Terra Brasil*, de Jean Léry, *Duas viagens ao Brasil*, de Hans Staden e *As singularidades da França Antártica*, de André Thevet. Os procedimentos metodológicos consistiram na localização, seleção e análise dos dados e informações contidas no material textual e xilográfico. Desta forma, a técnica de análise empregada nesta pesquisa foi a Análise do Discurso, de Michel Foucault, apoiada na ideia de Desconstrução, de Jacques Derrida, que nos orientaram a caracterizar o modo pelo qual as crônicas podem ser lidas e explicitadas em suas contradições e irredutibilidades e, nos permitiram mapear o imaginário corporal presente no além mar do século XVI.

Palavras-Chave: História da Educação Sexual. Brasil Colonial. Século XVI. Corpo. Crônicas. Xilogravuras.

ABSTRACT

This educational research is part of a larger integrated project that aims to retrieve, organize and systematize data that support the study of historiography of Sexual Education in Brazil. In this study, we intend to analyze the representations of the female body in works of the sixteenth century of colonial Brazil as well as woodcuts made and/or organized in the same works, because we believe that this analysis and this “desconstructions” of these representations serve as parameter and subsidy for understating the evolution about the conceptions of sexuality and institutionalization of sexual knowledge in Brazil. This research, of historical and documentary character, refers to primary sources, consisting of four works of the sixteenth century: “*Americae Tertia Pars*”, by Theodore de Bry, “Viagem à Terra Brasil”, by Jean Léry, “Duas viagens ao Brasil”, by Hans Staden and “As singularidades da França Antártica”, by André Thevet. The methodological instructions are based in their localization, selection and analyses of data and information present in the textual material and in the woodcuts. This way, the technique used in this research was the Discourse Analysis, by Michel Foucault, based on Deconstruction, by Jacques Derrida, who guided us to characterize the way in which chronicles can be read and explained in its contradictions and irreducibility, allowing us to map the imagery present in the body beyond the sixteenth century.

Keywords: Sexual Education History. Colonial Brazil. Sixteenth Century. Body. Chronicles. Woodcuts

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	A bruxa desenvolve uma terrível tempestade esvaziando seu pote com poção mágica para o mar, destruindo um navio na tempestade. Olaus Magnus. História de <i>Gentibus septentrionalibus Romae</i> , 1555.	34
Figura 2	Uma feiticeira e seu demônio cavalgando um fálico cabo de vassoura rumo a um sabá. Gravura de Ulrich Molitor, Strassbourg, 1544.	35
Figura 3	O sabá das feiticeiras. Hans Baldung Grien, Strassburg, 1514.	37
Figura 4	O diabo que faz amor com a bruxa. “Teufelsbuhlschaft”: Verführung durch den Teufel, 1489.	39
Figura 5	Mapa com a divisão da América portuguesa em capitânias.	44
Figura 6	Retrato de Hans Staden feito por H. J. Winkelmann em 1664.	49
Figura 7	Localização de Sanlúcar de Barrameda na Espanha.	51
Figura 8	Naufrágio no litoral de Itanhaem descrita por Hans Staden.	52
Figura 9	Aprisionamento de Hans Staden pelos tupinambás.	53
Figura 10	Localização da Estância Balneária de Ubatuba em São Paulo.	54
Figura 11	Capa da Coleção Reconquista do Brasil da obra de Hans Staden.	56
Figura 12	Retrato de Jean de Léry.	59
Figura 13	Mapa francês da Baía da Guanabara 1555.	60
Figura 14	Capa da Coleção Reconquista do Brasil da obra de Jean de Léry.	62
Figura 15	Trecho de canção tupinambá.	64
Figura 16	Retrato de André Thevet.	65
Figura 17	Capa da Coleção Reconquista do Brasil da obra de André Thevet.	66
Figura 18	Guerras entre tribos indígenas.	67
Figura 19	Saudação lacrimosa à chegada de um visitante.	68
Figura 20	Preguiça ou Aí.	68
Figura 21	Xilogravura de André Thevet sobre sua visão do Novo Mundo.	69
Figura 22	Auto-retrato de Theodoro de Bry	70

Figura 23	Capa da edição de 1605 do terceiro volume da obra “Grandes Viagens” intitulado “ <i>America Tertia Pars</i> ”.	71
Figura 24	Como a carne do prisioneiro era comida.	77
Figura 25	Cortando o corpo segundo Theodore De Bry.	78
Figura 26	As mulheres pintando o ibirapema e o rosto do prisioneiro.	80
Figura 27	Preparações ritualísticas antes da matança.	81
Figura 28	Aldeia de Ubatuba.	82
Figura 29	Staden levado para a aldeia de Ubatuba.	83
Figura 30	Dança das mulheres da aldeia de Ubatuba.	84
Figura 31	Como as mulheres indígenas importunam seus cativos segundo Theodore de Bry.	84
Figura 32	Mulheres trabalhando na fabricação de bebidas.	85
Figura 33	Como os índios preparam as bebidas em Bry.	86
Figura 34	Mulheres e crianças sorvendo o mingau feito do intestino e líquidos do morto.	88
Figura 35	Um caldo de carne é feito dos intestinos.	89
Figura 36	Desembarque dos prisioneiros feitos pelos tupinambás, nas proximidades da Ilha de São Sebastião.	91
Figura 37	O canibalismo indígena representado por Bry.	92
Figura 38	Sequência de acontecimentos segundo Staden.	93
Figura 39	Sequência de acontecimentos indígenas por Theodore De Bry.	93
Figura 40	O esquartejamento do corpo do prisioneiro.	94
Figura 41	A preparação do corpo do prisioneiro morto para a devoração canibal.	95
Figura 42	A execução do prisioneiro que está preso a mussurana.	96
Figura 43	O ritual da matança por Theodore de Bry.	96
Figura 44	Assando os pedaços do corpo do prisioneiro.	98
Figura 45	Como os índios assam a carne.	99

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 INTRODUÇÃO	13
2 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO E OBJETIVOS.....	23
2.1 Objetivo Geral.....	24
2.2 Objetivos Específicos	24
3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
3.1 Corpos de Análise.....	28
4 IMAGINÁRIO EUROPEU DO SÉCULO XVI: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA	30
5 A TERRA BRASIL DOS CRONISTAS	42
5.1 Descrições das obras e seus autores	48
5.1.1 Hans Staden e suas Duas Viagens ao Brasil	49
5.1.2 Jean de Léry e a Viagem à Terra do Brasil	59
5.1.3 André Thévet e as Singularidades da França Antártica	65
5.1.4 Theodore de Bry e sua <i>America Tertia Pars</i>.....	70
6 HISTÓRIAS DO CORPO, UMA CONSTRUÇÃO	73
6.1 Mulheres invisíveis, corpos visíveis	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS.....	104

APRESENTAÇÃO

Confesso não saber ao certo quando a temática da sexualidade entrou em minha vida. Penso que desde sempre! A sexualidade e questões religiosas sempre estiveram presentes desde minha tenra infância. A religião por sinal, sempre como uma grande problemática. Talvez por isso mesmo nunca tenha feito catecismo como todos meus colegas, apesar de tentar duas vezes e ser 'convidada' a me retirar em ambas.

Mas lembro-me como se fosse ontem quando as temáticas se cruzaram diante de meus olhos e definitivamente passaram a me perseguir como objeto de estudo. Em comemoração aos quinhentos anos do Brasil, várias festas e publicações foram realizadas naquele ano. Lembro-me que minha mãe ganhou um exemplar de culinária de uma grande rede de supermercados. Um livro de receitas em comemoração aos quinhentos anos de descobrimento do Brasil.

Como sempre me interessei por culinária e história, tomei o exemplar das mãos de minha mãe antes mesmo de começar a ajudá-la a guardar as compras. E é que logo nas primeiras páginas uma imagem me chamou a atenção: uma cena de índios canibais. Era a primeira vez que Theodoro de Bry apresentava-se diante de meus olhos, bem como a ideia real de índios antropófagos durante o período colonial. Essa ideia de que 'todos' nossos antepassados comiam a carne de seus semelhantes me incomodou, bem como o prazer que aquela imagem me transmitia. Mas esse sentimento foi esquecido entre a rotina do cursinho e a cobrança pessoal dos vestibulares.

Durante a graduação em Ciências Sociais, na disciplina de Antropologia, logo em meu primeiro ano de curso, assisti ao filme 'Hans Staden'. Foram muitos os debates na sala de aula após a exibição do filme e aquela imagem de dois anos antes voltou a minha cabeça. Meu objeto de estudo começava a me laçar e eu, ingenuamente deixei.

Neste mesmo ano conheci o professor Paulo Rennes enquanto colega de turma em aulas de inglês. Ainda não entendia muito bem suas pesquisas, mas os questionamentos pessoais só aumentavam. No ano seguinte, ele se tornaria meu professor na faculdade. A temática da sexualidade começava a nos aproximar.

A vida deu voltas e, quando eu menos esperava, sexualidade, religião e Paulo Rennes encontraram-se como em notas perfeitas de uma sinfonia diante de minha angústia por respostas. Passei a ser orientanda e minha iniciação científica iniciou meu envolvimento com o século XVI e, sobretudo, com este tema.

Nunca pensei em seguir a área da Educação. Enquanto cientista social o preconceito com a área educacional sempre foi muito intensa, mas quis meu objeto que eu tomasse outros rumos em minha vida e que aprendesse com minhas decisões e escolhas. Precisei deixar de lado meu preconceito e em 2007 passei a integrar a Pós-Graduação em Educação Escolar. Penso que foi a melhor de todas as minhas escolhas...

A partir de então, sob orientação do mesmo Paulo Rennes, comecei a trilhar efetivamente meu caminho. Participei de cursos, palestras, debates sobre sexualidade. Realizei leituras, encontrei novos interlocutores que ampliaram meu conhecimento, minha visão, mas também geravam sempre novos questionamentos. E, desse modo, surgiu o meu interesse de me deter e focar na formação da educação sexual do século XVI por constatar a insipiência de estudos específicos deste período.

Considerando este aspecto e os meus interesses pessoais, o intuito do presente estudo é enfatizar as construções sócio-históricas e culturais que embasam a construção de nossa identidade sexual retomando, finalmente, aquela imagem, que agora chamo de xilogravura, que tanto me incomodou há quase quinze anos atrás.

Dessa forma, inserida como aluna regular no doutorado tive a oportunidade de aprofundar minhas reflexões teóricas no tema da história da sexualidade humana, vinculando-o à temática da religião, temáticas estas, como exposto, sempre presentes em meus questionamentos.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho está inserido no projeto integrado **Uma contribuição à Historiografia da Educação Sexual no Brasil e em Portugal: localização, descrição e análise de documentos desde a Colônia até nossos dias**¹ que, tem como objetivo resgatar, organizar e sistematizar dados que subsidiem o estudo da historiografia da educação sexual no Brasil.

Assim, consideramos importante para o trabalho de educação sexual pensar o imaginário² corporal feminino nos textos e xilogravuras³ das crônicas do século XVI sob a ótica da representação⁴ por pensar que é a partir desse processo de problematizar os efeitos dessas representações que podemos questionar o conjunto de outras representações - aquelas que a cultura e a moral hegemônica definem como problemáticas, como passíveis de controle e censura - os ditos tabus sexuais⁵ presentes em nosso cotidiano. Vale frisar que muitos

¹ Coordenado pelo Professor Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro com envolvimento de alunos de todos os níveis de formação acadêmica, este projeto de pesquisa desenvolve-se na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. O mesmo pretende localizar, digitalizar, organizar, descrever e analisar obras e documentos que contenham relatos, informações e descrições a respeito das atitudes e comportamentos sexuais no Brasil desde a Colônia até as primeiras décadas do século XX, os quais compõem importantes e desconhecidas fontes de dados sobre a educação sexual no Brasil. Em parceria com a Universidade de Lisboa, pretende percorrer o mesmo caminho em Portugal, considerando a vinculação e proximidade cultural dos dois países.

² Utilizamos no trabalho o significado gramatical do adjetivo imaginário. Desta forma, imaginário é aquilo que só existe em imaginação, é ilusório ou mesmo fantástico. Ou seja, o que nos interessa nas próximas linhas são as idéias, crença, símbolos e opiniões sobre o corpo feminino presentes nos escritos analisados do século XVI.

³ A xilogravura é um processo de gravação em relevo que utiliza a madeira ou peças em cobre como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. [...] No século XV, pranchas de madeira eram gravadas com texto e imagem para a impressão de livros que, até então, eram escritos e ilustrados a mão. Com os tipos móveis de Gutemberg, as xilogravuras passaram a ser utilizadas somente para as ilustrações. <<http://www.teatrodecordel.com.br/xilogravura.htm>>. O processo de confecção de uma xilogravura e sua impressão também podem ser encontrados no texto “Xilogravura” que está na obra intitulada “Contos do sol nascente” de André Kondo (2011).

⁴ “Aquilo que a mente produz, o conteúdo concreto do que é apreendido pelos sentidos, a imaginação, a memória e o pensamento”. (FERREIRA, 2004, p. 699).

⁵ O conceito de tabu associa a idéia de algo proibido com a idéia de sanção para o transgressor. Prevalece o comportamento da discriminação e do preconceito para o conjunto de palavras, atitudes, práticas e valores morais que a sociedade não aceita,

destes tabus são reforçados, mantidos e convenientemente explicados por mitos sexuais sendo que são apropriados por instituições sociais como a escola (FURLANI, 2005). Nas palavras de Louro (2001, p. 16)

Distintas e divergentes representações podem, pois, circular e produzir efeitos sociais. Algumas delas, contudo, ganham uma visibilidade e uma força tão grandes que deixam de ser percebidas como representações e são tomadas como sendo a realidade. Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, “normais” [...] têm a possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros.

Rago (1998) em “Sexualidade e identidade na historiografia brasileira” afirma que os autores do século XX (FREYRE, 1980; HOLANDA, 1994, 2000; PRADO, 1929; PRADO JÚNIOR, 2000) em seus estudos davam especial ênfase à índole pacífica, acomodada, preguiçosa e imitativa do povo brasileiro, tentando entender de onde havíamos herdado esses traços. Estes estudos, amplamente difundidos, formaram gerações, moldaram a consciência nacional, tornando-se nossas principais referências acerca de nós mesmos, lentes através das quais passamos a nos olhar e a reconhecer nossa imagem de brasileiros. Para esses autores, no entanto, as questões se colocavam de outro modo e, fundamentalmente, tratava-se de estabilizar, fincar estacas e definir nossa suposta identidade cultural. Mas, desde já, tratava-se de tentar compreender o passado para transformar o presente.

Como escreveu Senatore (2005, p. 17), “construindo nossa história a partir dos relatos dos cronistas, viajantes e da própria historiografia – forjou-se um mito sobre o nosso passado”. Assim, o desenvolvimento histórico que se observa ao longo de nossa história estaria contido, em germe, nesses traços que se constituíram durante o período colonial, nas relações primárias que se estabeleceram na “infância do Brasil”, quando chegaram os primeiros conquistadores e teve início o processo de miscigenação racial, onde a dimensão sexual produziu a referência maior das características que explicam o povo brasileiro, sua índole e sua vocação. (SCALIA, 2009).

conferindo-lhe significados negativos. Como tabus sexuais, podemos considerar os atos, palavras ou símbolos sexuais proibidos numa dada sociedade por motivos religiosos ou sociais (FURLANI, 2003).

As ciências humanas, desta forma, desde o século XX, tem se dedicado ao estudo de temáticas que envolvam o período colonial (ABREU, 2000; FERNANDES, 1989; SOUZA, 1986; VAINFAS, 1997, 1999, 2004). Por tudo isso, também nos chama a atenção o fato de que apenas nas primeiras décadas do século XX passou-se a perceber a centralidade conferida à sexualidade no discurso dos historiadores (GARTON, 2009) voltados para a interpretação científica da realidade brasileira e para a definição da identidade nacional.

Vainfas (1997a; 1997b) estudou a imagem desregrada da Colônia produzida pelos cronistas dos primeiros séculos da colonização e reproduzida ao longo da história, encontrando muitas regras de sexualidade⁶ e formas de culpabilização onde Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda viram apenas o caos e o descompromisso.

Na atribuição do que é certo ou errado, normal ou patológico, aceitável ou inadmissível está implícito, de acordo com Foucault (1988), um amplo exercício de poder⁷ que socialmente discrimina, separa e classifica. Nessa perspectiva, a sexualidade pautadas pelas relações de poder encontradas nas xilogravuras se constitui não apenas como um aspecto importante da formação dos sujeitos e dos grupos, mas como um elemento que compõe as identidades pessoais.

A sexualidade, desta forma, apresenta-se como um dos campos mais férteis no que remete a novos estudos. Nem por isso ela deixa de ter menos importância e/ou complexidade sob a vida humana, posto que ainda hoje não estamos ou, para melhor dizer, não tomamos consciência dos múltiplos aspectos culturais, psicológicos e biológicos envolvidos, ou seja, os valores, atitudes e conflitos que permeiam nossas vidas desde nosso nascimento e que estão intrinsecamente relacionados ao exercício da sexualidade (SCALIA, 2009).

Todas as nossas ações, atitudes e sentimentos em relação ao outro perpassam, ou até mesmo incluem, elementos de sexualidade, seja de forma aberta e consciente ou, de maneira mais camuflada, sempre a temos presente.

⁶ Normas sexuais impostas por motivos religiosos ou sociais a uma dada sociedade.

⁷ Para Foucault, o poder não existe, o que existe são as relações de poder. No entender de Foucault, o poder é uma realidade dinâmica que ajuda o ser humano a manifestar sua liberdade com responsabilidade. A ideia tradicional de um poder estático, que habita em um lugar determinado, de um poder piramidal, exercido de cima para baixo, em Foucault é transformada. Ele acredita no poder como um instrumento de diálogo entre os indivíduos de uma sociedade.

Não por menos, é impossível, portanto, falar de questões sexuais sem que tomemos atenção sob a importância da herança cultural que nos vêm transmitidas por antepassados. Em permanente estado de mudança, as sociedades, como salienta Foucault (1988, 2008), vêm os padrões herdados se modificarem, se adaptarem, resultando em novos comportamentos, novas ações, desejos, valores, enfim, resultando na expressão de uma nova sexualidade.

Em seu discurso, Foucault (1988, 2008) chama a atenção ainda para o fato de que a sexualidade constitui uma espécie de pilar sobre o qual se assenta a própria sociedade e que, portanto, está sujeita a normas; uma sexualidade que deriva do que é proibido e permitido. Destarte, através do conhecimento da educação sexual de um povo pode-se identificar a sua vida e a construção de seus costumes, as suas raízes históricas e o grau de evolução de suas experiências.

Com o fim do século XX dois fatos passaram a preocupar governos, psicólogos, sociólogos e educadores – o conhecimento da realidade sexual brasileira no quadro presente, e o conhecimento das perspectivas do seu futuro. Porém, sem qualquer alusão a um determinismo histórico, específico ou genérico, somos levados a concluir que é sempre um prognóstico falho e perigoso o que se faz do futuro de um povo, de uma nação, sem o sólido conhecimento de sua realidade presente; e da mesma forma, somos levados a não acreditar no levantamento de uma realidade sexual brasileira, para os planos de investigação de uma educação sexual, quando apenas fundada nos fatos presentes, desvinculados da sua causalidade ou precedência histórica (SCALIA, 2009).

Trabalhos como os de Reis; Ribeiro (2001, 2004, 2005), Ribeiro (2002, 2004, 2005, 2007), Senatore (2005) e Scalia (2009) têm realizado estudos sobre momentos históricos e a educação sexual no Brasil, mas como salienta Ribeiro (2005, p. 2), “[da colônia] até nossos dias temos quinhentos anos de história, mas a história da educação sexual carece de estudos que resgatem sua especificidade, abrangência e importância”. Levando em consideração que a educação sexual

abrange toda a educação recebida pelo indivíduo desde o nascimento referente à aquisição de concepções, valores e normas sexuais, [...]; e que essa educação sexual é contínua,

indiscriminada e decorrente dos processos culturais, influenciando a manifestação de comportamentos e atitudes sexuais, podemos dizer que desde a Colônia havia uma educação sexual no Brasil (RIBEIRO, 2005, p.02).

Frente ao exposto, as representações que o corpo feminino assume em textos e figuras do período colonial brasileiro contribuem para que possamos entender a difusão de idéias sexuais que influenciaram não apenas conceitos, mas comportamentos e atitudes das gerações posteriores, pois com nos faz refletir Louro (2001), os corpos são significados pela cultura e, assim, continuamente por ela alterados. Como observou o antropólogo norte-americano Parker (1994), a noção da sexualidade não está apenas presente na percepção que cada indivíduo faz de sua existência, mas na auto-interpretação de toda a sociedade.

Posto isto, todas as informações acerca de um objeto de que falam, se constituem em representações. Na perspectiva pós-estruturalista, a representação é o modo como os significados, construídos e atribuídos pela retórica e pelo discurso, dão sentido e posicionam as diferenças, as identidades, os sujeitos, num processo que é fundamentalmente social, histórico, cultural e político (FOUCAULT, 1988, 2006, 2008; DERRIDA, 2002). Essas representações circulam no social e contribuem para produzir sujeitos; atuam nas ações desses em relação as outros, seus modos de pensar, a forma como definem suas identidades culturais (FOUCALT, 2008).

No pós-estruturalismo se radicaliza a crítica do sujeito do humanismo e da filosofia consciência. Neste paradigma o sujeito é uma ficção, ou seja, o sujeito não passa de uma invenção social e histórica. O pós-estruturalismo vê o processo de significação basicamente como indeterminado e instável. Ele enfatiza a indeterminação e a incerteza. O significado não é pré-existente porque é cultural e socialmente produzido sendo que é importante o papel das relações de poder na sua produção. Desta forma, ele questiona a verdade e abandona essa ênfase destacando, ao contrário, o processo pelo qual algo é considerado verdadeiro. A questão central não se trata da verdade, mas saber por que esse algo se tornou verdade. Para Peters (2000, p. 29), entretanto,

[...] o pós-estruturalismo não pode ser reduzido a um conjunto de pressupostos compartilhados, a um método, a uma teoria ou até mesmo a uma escola. É melhor referir-se a ele como um movimento de pensamento – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica. O pós-estruturalismo é, decididamente, interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes.

As instituições da sociedade, a sexualidade, as relações econômicas, o corpo, são discursos estruturados e estruturantes na ótica de Foucault. Essa perspectiva não visa analisar o funcionamento das grandes instituições, como faziam os historiadores e os sociólogos tradicionais, mas compreender os elos que ligam as minúsculas cadeias que regem as normas básicas e gramaticais do discurso. Foucault viu o discurso como a ordenação dos objetos, não apenas como grupos de signos, mas como relações de poder. O poder-saber é uma faceta do poder-cultura, na obra de Foucault, que articula o discurso das relações instituintes na sociedade. Assim, a sua genealogia está interessada nos começos, não nas origens e nem nas causas.

As críticas à metodologia e a hermenêutica de Foucault não tiram dele o mérito dele ter projetado um novo olhar sobre as instituições sociais. Ele as analisou nas suas incongruências, nos seus discursos, nas suas inversões, no seu avesso; fazendo uma leitura desses começos nas prisões, nas clínicas, nos corpos de homens e mulheres.

A genealogia de Foucault busca interpretar a força institucional dos textos que legitimam as práticas médica, psiquiátrica e jurídica, enquanto discursos modernos da verdade, da objetividade e da racionalidade científicas na medida em que normalizam, disciplinam a conduta e o corpo humano. O diálogo de Foucault com esses saberes e poderes é um debate constante com o positivismo que se instaura no campo social, filosófico e subjetivo da cultura.

As representações sexuais em si estão revestidas de poder, de normatização. São representações que ao se instituírem no social, excluem outros saberes. Ao interpelar certos sujeitos (e não outros) produzem esses sujeitos (FOUCAULT, 1988, 2008). O alcance etnográfico e a influência dos cânones artísticos nas posturas e proporções dos corpos presentes nas xilogravuras das obras do século XVI ajudam a entender, por exemplo, o corpo do

índio como categoria universal, e não como um indivíduo em particular, representante da educação sexual do período (CHICANGANA-BAYONA, 2006).

Pensamos que uma possibilidade didática, metodológica e política pode ser encontrada no exercício da desconstrução dessas representações, sobretudo na problematização do caráter político, histórico e contingencial de sua invenção. Essa proposta de ação da educação sexual parte do pressuposto de que tanto a sociedade, quanto as obras, podem ser entendidos como “campos de luta”, “locais de conflito” de representações, que não apenas reiteram o saber hegemônico, como também permitem a resistência dos saberes excluídos e hierarquicamente inferiorizados na escala social, acerca dos gêneros e das sexualidades. Desconstruir, portanto, é promover o conflito das representações.

As questões que se colocam são as seguintes: Que concepções de educação sexual se formam a partir da representação do corpo feminino nas obras do século XVI do período colonial brasileiro?

Que efeitos a utilização do procedimento desconstrutivo teria na problematização das temáticas envolvidas no estudo, na análise, na interferência, na liberdade, na crítica da sexualidade?

São essas “condições de possibilidades” – usando o termo e o entendimento de Michel Foucault – que asseguram a esse exercício de desconstrução o caráter de uma atividade didática, não apenas interessante e provocativa, mas também pertinente, aceitável, necessária, ousada e assumidamente política.

O discurso negativo sobre o corpo e a sexualidade, apropriado como vertente científica pelos historiadores legou ao instinto o predomínio sobre a razão. O resultado é a construção de um campo discursivo de ordem biológica (FOUCAULT, 2006) que reforça o olhar sobre o outro visto como desviante, monstruoso e diferente. Dando visibilidade à problemática, Foucault (1988) afirma a necessidade de compreender porque a sexualidade se converteu, nas culturas cristãs, no sismógrafo de nossa subjetividade ou simplesmente nos perguntarmos por que existe uma conexão tão íntima entre sexualidade, subjetividade e obrigação com a verdade.

Em “Técnicas do Corpo”, Mauss (2003) ilustra, analisa e constata que em diversas sociedades o corpo é um instrumento de reconhecimento social, constrói

identidades e ordena a sociedade a partir do valor cultural e educacional que lhe é atribuído. Ele constata como a medicina educa e disciplina os indivíduos no uso correto do seu corpo. O corpo é educado por técnicas de manipulação que as instituições usam no intuito de fazê-lo funcionar bem, segundo seus interesses.

A história nos mostra que a mulher sempre foi a grande vítima no terreno da discriminação. Um dos registros mais antigos da situação social de inferioridade feminina encontra-se justamente, no mito católico sobre a origem da espécie humana. Nele, a mulher é mostrada como um apêndice do homem, por ter sido criada a partir de uma costela de Adão. As mulheres tornaram-se sobra desta Eva, deste mito submisso e pecador aos olhos da Igreja⁸. Até o final do século XIX, as teorias ditas científicas eram formuladas pelos homens e, a tentativa de explicar a sexualidade feminina permaneceu carregada de preconceitos e erros.

O desconhecimento anatômico, a ignorância fisiológica e as fantasias sobre o corpo feminino acabaram abrindo espaço para que a ciência médica construísse um saber masculino e um discurso de desconfiança em relação à mulher. A misoginia do período a empurrava para um território onde o controle, era exercido pelo médico, pai ou marido. Para estes a concepção e a gravidez eram remédio para todos os achaques femininos. E, uma vez que o macho era a “causa eficiente” da vida na compreensão de Aristóteles, o homem ocupava lugar essencial na saúde da mulher, dela dependendo, exclusivamente, a procriação. (DEL PRIORE, 2004, p. 84).

No final do século XX, ainda acreditava-se que as mulheres não se interessavam por sexo, pois seu sistema genital só serviria para a procriação da espécie (DEL PRIORE, 2004). O instinto maternal, conceito que expressa ser

⁸ De acordo com Gêneses (2:18) Deus não achava bom que o homem estivesse sozinho, “Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne. Depois, da costela que tinha tirado do homem, modelou uma mulher e mostrou-a para o homem.” (Gen 2:21-22). Deus cria a mulher a partir da costela, criada do lado, para ser sua companheira e submissa. Quando o homem a viu, exclamou: “Essa sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!” (Gen 2:23). A mulher, então, pecou e depois deu o fruto ao marido. A tentação da serpente se configura no pecado cometido pela mulher e, em seguida, pelo homem, guiado pela mulher. A primeira consequência desse ato foi homem e mulher perceberem que estavam nus e se esconderam de Deus, porque tiveram medo. Quando Deus os encontra, o homem diz ter recebido o fruto da mulher, e esta dissera tê-lo recebido da serpente. (Gen 3:11-13). Pelo pecado cometido, todos foram punidos.

intrínseco à natureza feminina o desejo de ter filhos é decorrência dessa visão. As mulheres que por ventura manifestassem maior desejo sexual ou que por opção pessoal não quisessem ter filhos eram tachadas de anormais, sendo malvistas pela sociedade.

Do olhar dos viajantes e inicianos, dos inquisidores à historiografia, essas misóginas e fantasiosas representações sobre a realidade brasileira foram reproduzidas e repetidas. Como salienta Raminelli (2004) em “Eva Tupinambá” especialmente forte é esta estigmatização para as mulheres, vistas desde sempre, no Brasil, como preciosos objetos sexuais, como essencialmente sensuais. De tal modo, como afirma Scalia (2009) uma linha descontínua nos une, assim, às índias nuas do Padre Manuel da Nóbrega, prontas a se renderem ao homem branco. Assim, a relevante produção teórica referente à mulher não está acompanhada de análises ou de menções de seus corpos. Elas mostram que a maioria dos estudiosos continuam dissociando cartesianamente os indivíduos em corpos e mentes, privilegiando equivocadamente as mentes, pois parecem desconhecer que qualquer atividade humana necessita de um corpo para realizá-la. E quando se trabalha com agentes sociais, se está falando de seus corpos em ação contínua.

Nos limites desta pesquisa, não se trata precisamente de decidir sobre a moralidade ou imoralidade historicamente constitutiva do país, mas de destacar a importância que o discurso da sexualidade, principalmente a feminina, assume na leitura que fazemos de nossas origens históricas.

Como nos ensina Lévi-Strauss (1996), partindo da relação entre masculino/feminino constituindo-se, portanto, como pares binários, opostos e complementares, refletimos sobre o sistema de representações sociais presente no imaginário quinhentista europeu, especificamente o que ele nos informa, através de crônicas como as de Hans Staden e Jean de Lery sobre a sexualidade na Terra Brasil e a sua transformação no contato com visitantes durante o século XVI.

Desta forma, a primeira seção deste estudo intitula-se “Imaginário europeu do século XVI: uma construção histórica” procura contextualizar os dispositivos de controle utilizados pela Igreja Católica em matéria sexual e moral durante o século XVI. Neste momento se inscrevem os sentimentos, crenças, desejos e costumes

situados na fronteira do individual e do coletivo do período inquisitorial europeu, onde as moralidades da época das Reformas são julgadas, controladas e que, inevitavelmente criam um imaginário que transcende fronteiras.

Na seção subsequente intitulada “A terra Brasil dos cronistas” faz-se um apanhado geral sobre a descoberta do Brasil e o período do primeiro século colonial, verificando as estruturas do desconhecimento e de sexualidade encontradas pelo europeu nas terras além mar. Em junção a isto, são expostas vida e obra dos cronistas objeto de estudo desta pesquisa.

Por fim, na última seção de análise intitulada “Histórias do corpo, uma construção”, há primeiramente uma contextualização histórica sobre a concepção do corpo feminino no mundo ocidental e posteriormente a transposição dessa representação histórica presente em imagens e escritos do corpo feminino do Novo Mundo, reconstituindo o uso dos corpos em tempos de Contra-Reforma.

2 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO E OBJETIVOS

Em consonância com o exposto, torna-se essencial, portanto, problematizar como as identidades sociais são produzidas nas práticas culturais e, particularmente, como são apresentadas/representadas nas obras do século XVI do período colonial brasileiro. Ilustrações e gravuras serviram para afirmar a existência de um barbarismo que, ao longo dos séculos dava a Europa mais legitimidade para dizer que estava levando a civilização às Colônias.

Sabe-se que todo processo e toda dinâmica de formação de identidade refere-se à existência de um outro, que não sou eu, que é diferente de mim, o que torna a identidade e a alteridade componentes necessariamente inseparáveis. Isto é, através da estrutura que constrói a sexualidade colonial (a alteridade e a identidade sexual dos seres humanos), pretendemos analisar as transformações dessa mesma sexualidade no contato, na maior parte das vezes crítico, com o europeu catequizador. Contudo, sem ignorar que toda cultura do contato, decorrente da fricção Inter étnica, é um sistema de valores altamente dinâmico que engendra novas categorias sociais (OLIVEIRA, 1976), o que nos permite, desta forma, pensar em transformações mútuas, embora desiguais, acontecendo nesta mesma modalidade de contato Inter étnico.

Assim, nossa identidade sexual só fará sentido numa cadeia discursiva de diferenças. O que ela é torna-se totalmente dependente daquilo que ela não é. A diferença cultural de nossas concepções de educação sexual torna-se, assim, dependente de inúmeros processos históricos que incluem exclusão, vigilância de fronteiras, de estratégias de divisão social que, em última análise, definem hierarquias corporais, escalas valorativas e sistemas de categorização (LOURO, 2001).

Desta forma, podemos dizer ainda, que o corpo feminino além de ser produzido e ressignificado no centro de variadas redes de poder e controle é, também, percebido e vivido de forma conflituosa e ambígua, de tal forma que esses modos de viver o corpo envolvem, ao mesmo tempo, disciplinamento, coerção, subordinação, saúde, libertação, gozo e prazer. Ao entender o corpo feminino dessa forma, estamos admitindo, também, a existência de importantes

nexos entre corpo, diferenças e identidade e é nesse sentido que ele se torna, para nós, um tema/objeto de estudo fundamental para o campo da educação.

Consideramos que a história da educação sexual, bem como a educação sexual propriamente dita, pode encontrar nesses dois aspectos (na representação e na desconstrução), um modo de olhar os saberes nacionais construídos acerca das sexualidades.

2.1 Objetivo Geral

Analisar as representações do corpo feminino e as manifestações de sexualidade presentes nas obras de Hans Staden, André Thevet, Jean de Léry e Theodore de Bry acerca do Brasil Colônia e as figuras confeccionadas e/ou organizadas nestas mesmas obras. Pretende-se, desta forma, contribuir à historiografia da educação sexual no Brasil, servindo de subsídio para a compreensão da evolução das concepções de sexualidade e a institucionalização do conhecimento sexual no Brasil, neste contexto.

2.2 Objetivos Específicos

- Averiguar as representações do corpo feminino nas obras que serão analisadas;
- Investigar as possíveis representações sexuais presentes nas xilogravuras/imagens destas obras;
- “Desconstruir” as representações sexuais formadas a partir das obras analisadas;

De tal modo, ponderamos que a publicação das concepções acerca da sexualidade e de comportamentos sexuais construídos a partir da incorporação de informações e valores adquiridos durante o século XVI do período colonial

brasileiro poderá auxiliar outros estudos no que tange ao desenvolvimento da historiografia da educação sexual brasileira, servindo de subsídio para a compreensão da construção das concepções de nossa sexualidade.

3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por metodologia entende-se o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade (MINAYO, 1994). Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias que compreendem um conjunto de fenômenos e processos. Todavia, por mais bem elaboradas que elas possam ser não são suficientes para elucidar todo este conjunto. Portanto, compete ao pesquisador enfatizar e recortar determinados aspectos significativos da realidade, procurando uma interconexão sistemática entre eles.

A metodologia, portanto, descreve os métodos. Já o método, como expõe Gonçalves (2005, p. 23), é a forma ordenada de proceder ao longo do caminho, sendo

[...] entendido tanto em seu processo operacional (organização da seqüência de atividades para chegar ao fim almejado), quanto intelectual (abordagem e análise prévia e sistemática do problema para a identificação das vias de acesso que permitem solucioná-lo).

A autora esclarece também que os métodos científicos são fundamentais na pesquisa, servindo para direcioná-la no sentido de identificação dos caminhos a serem percorridos para a obtenção dos objetivos desejados. Desta forma, um método apropriado tem de ser executável e estar de acordo com o objeto de investigação.

A presente pesquisa enquadra-se dentro das descrições do método monográfico, definido por Gonçalves (2005) como sendo um estudo aprofundado e exaustivo sobre determinado assunto, buscando sua generalização. Nestes termos, esta pesquisa é de cunho histórico utilizando-se como metodologia a pesquisa exploratória, ou seja, pesquisa bibliográfica e documental. Os procedimentos técnicos irão, desta forma, da leitura exploratória à leitura interpretativa.

Devido ao presente estudo envolver dados basicamente qualitativos, optamos pela abordagem proporcionada pela descrição detalhada das informações, alargando a análise e explicações, permitindo, desta forma, a

utilização das subjetividades dos discursos e, conseqüentemente, a obtenção de uma melhor compreensão do problema estudado. Uma análise qualitativa, portanto, que valorize o conteúdo das respostas e dos dados, descrevendo com maior clareza os detalhes e aspectos importantes da pesquisa.

O procedimento de análise empregado nesta pesquisa é a análise do discurso pautado em Michel Foucault e em sua genealogia do poder à investigação dos dados e dos fatos estritamente ligados aos objetivos específicos da presente pesquisa: a configuração de um imaginário corporal da mulher latina a partir das obras produzidas durante o século XVI do período colonial brasileiro.

Foucault analisa o poder nas ínfimas redes societárias, isto é, nos micro espaços sociais. Para ele, o poder é fonte do discurso social. Foucault se preocupa com o texto, sem desprezar o contexto, fazendo da genealogia o seu modo de ver, interpretar hermeneuticamente o homem e a cultura.

Finalmente, mas não menos importante, ao lado do procedimento de análise do discurso, empregamos o procedimento de “desconstrução”. Termo freqüente nas ciências sociais e humanas, a “desconstrução” foi empregada neste estudo pela linha teórica do filósofo francês Jacques Derrida para caracterizar o modo pelo qual um texto/figura pode ser lido e explicitado em suas contradições e irreduzibilidades. A noção de “texto”, neste contexto, é aquela que considera na perspectiva pós-estruturalista uma gama ampla e diversificada de artefatos lingüísticos: um livro didático, uma lei, uma fotografia, uma ilustração ou mesmo um filme. Um procedimento comum da desconstrução é apontar as oposições binárias presentes na trama textual. Assim, “desconstrução” não parte do princípio de destruir, mas de decompor os elementos da escrita para descobrir partes do texto/figura que estão dissimuladas.

Dessa forma, qualquer que seja a análise desconstrutiva esta não visa destruir o material documental ou o aspecto analisado com o intuito de colocar-se contra ele, de criticá-lo negativamente, como se pretendesse ao seu final, descartar tal informação ou traçar um indiscutível “mapa da verdade”. O que se pretende é mostrar o caráter produtivo da desconstrução, isto é, apontar nos discursos pontos de reinterpretação e resignificação, sem a intenção de chegar a uma significação que seja definitiva ou total.

Entendemos que, além do sentido derrideano clássico, a “desconstrução” pode ser pensada e pode estar presente na Educação Sexual em seu sentido amplo, ou seja, quando se refere a “qualquer análise que questione operações ou processos que tendam a ocultar ou olvidar o trabalho envolvido em sua construção social, tais como a naturalização, o essencialismo, a universalização ou o fundacionalismo”. (SILVA, 2000, p. 36).

3.1 Corpos de Análise

Refletimos sobre o sistema de representações presente no século XVI do período colonial brasileiro, especificamente o que ele nos informa, através dos textos e imagens presentes nas obras de Hans Staden, Jean de Léry, André Thevet e Theodore de Bry sobre a sexualidade brasileira e a sua transformação no contato com os povos colonizadores.

Para a realização do presente estudo foram utilizadas as seguintes obras produzidas durante o século XVI do período colonial brasileiro⁹:

- STADEN, Hans (1525-1579). *Duas viagens ao Brasil*. 1ª edição de 1557.
- TREVET, André (1502-1590). *As singularidades da França Antártica*. 1ª edição de 1558.
- LÉRY, Jean (1534-1611). *Viagem à Terra Brasil*. 1ª edição de 1578.
- BRY, Theodore de (1528-1598). Terceiro volume de *Grandes Viagens - Americae Tertia Pars*. 1ª edição de 1592.

A escolha destas obras se fez a partir da constatação da incorporação de certas xilogravuras em materiais posteriores. Em específico, estes autores dialogam entre si e são responsáveis pelas imagens de canibalismo do século

⁹ Vale esclarecer que para o desenvolvimento e análise deste trabalho levamos em consideração a disponibilidade destas obras em edições contemporâneas e, no caso de Theodore de Bry, a digitalização de sua obra pela Biblioteca Mário de Andrade.

XVI presentes ainda hoje em materiais didáticos bem como em sites que remontam ao canibalismo indígena.

As xilogravuras analisadas no presente trabalho configuram diretamente com a análise pretendida. Desta forma, foram selecionadas todas as xilogravuras que representam o corpo feminino e o imaginário europeu do século XVI sobre este mesmo corpo.

Vale ressaltar ainda que as xilogravuras selecionadas foram analisadas em suas versões originais, ou seja, monocromáticas por considerarmos um viés mais fiel ao que foi exposto por estes cronistas. Versões coloridas de algumas xilogravuras foram confeccionadas posteriormente e gradativamente em outras edições, principalmente nas imagens que transitam pela internet.

4 IMAGINÁRIO EUROPEU DO SÉCULO XVI: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Convém aqui examinarmos as mudanças que ocorreram a longo prazo nos costumes legais europeus para definirmos as bases que se assentaram bem como determinaram a mentalidade sexual vigente na Europa durante a colonização do território brasileiro.

Na obra “História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal”, Herculano (2002) nos mostra que a Europa Medieval tinha, originalmente, praticado a justiça restitutiva, uma forma de lei comunitária que, baseada nos costumes, funcionava por meio da arbitragem visando a reconciliação. Como o objetivo era a restauração da paz comunal, não era vantajoso eliminar os inimigos ou infligir uma punição de longa duração a eles. Num esforço de manter a comunidade funcionando de maneira mais pacífica possível, os acusadores eram responsabilizados por suas acusações.

Ainda de acordo com o autor, a justiça medieval inicial, como a justiça na maioria das sociedades primitivas era, assim, pessoal, exigindo uma acusação face a face e um julgamento por um grupo de vizinhos. Contudo, no século XII, um sistema muito diferente de lei desenvolveu-se no continente. Baseado na lei romana acentuava a justiça punitiva, enfatizando penalidades, punições e a pena de morte. Seu objetivo era proteger e purificar o Estado através de leis impessoais que reportavam aldeias inteiras a superiores em cidades distantes.

Embora permitisse certa objetividade nos julgamentos e em alguns casos garantisse a apelação da sentença, esse distanciamento introduziu valores estranhos nos costumes comunais de ajuste. O juiz tornou-se o iniciador das acusações, reunindo provas contra os suspeitos, interrogando o acusado em segredo, usando a tortura quando necessário para certificar-se da verdade, atuando sempre em nome do Estado.

Barstow (1995) em “Chacina de feiticeiras” afirma que esse novo alicerce constituiu uma mudança revolucionária nos métodos legais de controle social. Desta forma, em muitos lugares da Europa, no século XVI, a justiça pessoal da lei

de talião¹⁰, conduzida pelas partes prejudicadas de uma maneira que restaurava as relações comunitárias, estava sendo substituída por uma justiça mais abstrata, administrada por funcionários do Estado. Agora, podia-se acusar impunemente. Essa modificação tornou a justiça europeia mais racional, porém menos humana.

Neste texto podemos ainda perceber que os governos ducais e reais da Europa estavam tornando-se mais eficientes, centralizados e poderosos, em outras palavras, mais capazes de controlar muitos aspectos da vida de mais pessoas. Os tribunais seculares apropriaram-se dos processos de crimes sexuais¹¹, casos anteriormente reservados para o julgamento na esfera mais privada, da Igreja ou da vizinhança.

O Estado estava desejoso de assumir a responsabilidade e as despesas dessa jurisdição porque esses julgamentos morais ajudavam a definir o que ele representava e, permitia obter o controle dos aspectos mais íntimos da vida de seus cidadãos. Esses governos eram tão intolerantes quanto intrometidos. A Europa tornou-se um órgão de perseguições em que, nos séculos XI e XII, os governos começaram, pela primeira vez, a identificar grupos de inimigos do Estado (hereges, judeus, leprosos, homossexuais) e a criar os mitos que possibilitaram os governantes destruir esses grupos.

Desta forma, nas últimas décadas do século XV é a situação da etnia hebraica, constituída como um povo separado, e ao mesmo tempo uma seita distinta no meio da população espanhola que fomentaram a instalação da Inquisição Moderna na Europa quinhentista. (HERCULANO, 2002)¹².

Os recursos econômicos da península estavam, em grande parte, nas mãos dos judeus, tornando uma grande parte dos cristãos seus devedores. De acordo com Herculano (2002), calcula-se que mais de cinco mil judeus foram

¹⁰ A lei de talião previa que um acusador tinha de provar sua acusação ou sofrer a punição que o acusado teria recebido.

¹¹ Nomeação geral para os crimes de sodomia, bigamia, adultério, infanticídio, etc.

¹² Assim como o surgimento da Companhia de Jesus, a Inquisição surge na Europa como resposta a Reforma Protestante do período, dando início ao que ficou conhecido historicamente como Contra-Reforma e que nos limitamos a nomear como Reforma Católica. Mais informações sobre este período e a formação e implantação da Companhia de Jesus em solo brasileiro podem ser lidos em nossa dissertação de Mestrado intitulada “A Companhia de Jesus e a Formação da Cultura Sexual Brasileira: um estudo histórico e documental a partir dos escritos do Padre Manuel da Nóbrega”.

assassinados no final do século XIV ocasionando uma conversão massiva como único meio de livrarem-se da violência.

Quando em 1474, Fernando e Isabel subiram ao trono na Espanha, encontraram um número grande de conversos que, secretamente, continuavam praticando os ritos judaicos. Fernando de Aragão, nascido no país onde a intolerância material transpôs os séculos, teve assim, a triste glória de ter fundado não apenas a moderna Inquisição Espanhola autorizada pelo Papa Xisto IV em 1478, mas de ser responsável pelo início de uma mentalidade europeia que transcende fronteiras.

Porém, o que mais se destaca neste e em outros trabalhos que abarquem o período inquisitorial (BAIÃO, 1906; BAROJA, 1978; GINZBURG, 1988; BETHENCOURT, 2002; TREVOR-ROPER, 2007), apesar dos séculos transcorridos, é a ausência de uma análise sexual, a natureza sexual usada na violência física dos processos e nas torturas. Assim, não apenas os argumentos legais, religiosos, políticos ou de fundo social são necessários para formular uma explicação válida para este processo, mas também o sexo das vítimas e as mudanças econômicas do período.

As pessoas se acostumaram a culpar um grupo de minoria indefeso pelas suas desgraças, a utilizar um grupo marginal como bode expiatório. O aspecto mais nocivo dessa prática, sem dúvida, foi a desumanização dos judeus, considerados sub-humanos (BAIÃO, 1906; BETHENCOURT, 2002; HERCULANO, 2002). Porém, as mulheres, como um grupo de determinado sexo, começaram a ser identificadas com os judeus, principalmente nos países germânicos.

Os dois grupos sofreram por serem associados com práticas mágicas, circulando rumores sobre seus corpos: de que os homens judeus menstruavam (porque eram circuncidados), que as feiticeiras tinham a marca do diabo, que as judias praticavam a bestialidade e tinham bebês animais e, que as feiticeiras faziam sexo com o diabo e davam a luz a demônios. Uma crença especialmente danosa nutrida contra os judeus era que eles celebravam uma imitação da missa cristã, na qual adoravam o diabo, usando para a comunhão os corpos dos cristãos ou seu próprio esperma (BARSTOW, 1995).

À medida que a sociedade tornou-se mais repressiva, as acusações contra as supostas feiticeiras tornaram-se mais absurdas. Embora algumas das acusadas tenham tido a reputação de lascívia, mesmo as mulheres bem conceituadas passaram a ser acusadas de fazerem sexo com o diabo ou de possuírem um amante demoníaco (BETHENCOURT, 2002).

A ligação entre a opressão feminina e a repressão sexual geral das Reformas católica e protestante endossa o aumento das punições para a gravidez pré-nupcial, bastardia e adultério, com penalidades mais pesadas para as mulheres do que para os homens (BAIÃO, 1906). Desta forma, começamos a ampliar o alcance dos estudos e passamos a ver que a caça às bruxas envolveu a perseguição de mulheres em virtude de sua sexualidade.

O não entendimento do patriarcado como categoria histórica e de como ele funciona numa sociedade é outro ponto fraco na maioria dos trabalhos que tratam do Santo Ofício, um grande problema, pois é justamente este que também irá explicar porque muitas mulheres acusaram outras mulheres durante dois séculos de Inquisição Moderna. A internalização de quem não é aceitável vai ainda mais longe.

As mulheres algumas vezes tentam sobrepujar seus opressores desprezando pessoas que eram consideradas estranhas na esperança de serem bem aceitas ou de serem toleradas. Nos julgamentos o pobre atacou os que eram ainda mais pobres e as mulheres marginalizadas atacaram as que tinham ainda menos poder do que elas (BARSTOW, 1995; BETHENCOURT, 2002). As acusadoras agiram frequentemente sob as ordens de seus homens, como parte da estratégia familiar de acusação. Assim, nos interessa inverter a questão, demonstrando não o que a sociedade pode nos dizer sobre o sexo, mas o que o sexo pode nos dizer sobre a sociedade européia.

No início da Era Moderna, portanto, a dissolução das antigas relações comunitárias, a alteração do processo de trabalho, conflitos sociais e políticos conduziram a uma modificação do papel e das representações da mulher que acompanham seu cerceamento, aspectos que se combinam na perseguição às bruxas e, conseqüentemente, no imaginário europeu sobre a sexualidade feminina.

Seguindo este raciocínio de representações e mudanças, a imprensa ganha papel fundamental na marginalização das mulheres, das tradições orais, na difusão do diabolismo e das novas ideias sobre a bruxaria (BARSTOW, 1995). É importante ressaltar que a Igreja utilizou com maestria desse novo instrumento no intuito de atacar e eliminar tanto a magia natural quanto a popular. Em relação à cultura popular era necessário, para ter êxito nas perseguições, ter a cumplicidade de parte dos camponeses, dividir a comunidade, aliciando os mais ricos que passam a querer identificar-se com as novas representações. E a divulgação da imprensa foi uma grande arma para este fim.

Figura 1: A bruxa desenvolve uma terrível tempestade esvaziando seu pote com poção mágica para o mar, destruindo um navio na tempestade. Olaus Magnus. História de Gentibus septentrionalibus Romae, 1555.



Fonte: WIKIMEDIA COMMONS (2014).

A imprensa difundiu livros e gravuras, tal como a Figura 1, que mapearam o universo das bruxas e algum desses livros (BODIN, 1593, 1ª Ed. 1580; GUAZZO, 1974, 1ª Ed. 1608; REMY, 1974, 1ª Ed. 1595) que foram muito divulgados durante o período. Um deles, por exemplo, teve quatorze edições em quatorze anos: o *Malleus Maleficorum*, de 1486, escrito pelos inquisidores Sprenger e Kramer (1993). O *Malleus* considera que a mulher é bela para se olhar, mas que é má para tudo que olha, pois é um ser misterioso cujas palavras são veneno e porque, sem dúvida, se não existissem as perversidades das mulheres, mesmo não

falando de bruxaria, o mundo permaneceria livre de inúmeros perigos. Isto é, as mulheres, neste manual, são descritas como fonte de perigos mesmo não sendo uma bruxa. A afirmação clássica deste manual “toda feitiçaria provem do desejo carnal, que nas mulheres é insaciável”¹³, resume a crença muito difundida de que as mulheres eram, por natureza, hipersexuadas, más e, por conseguinte, perigosas para os homens.

A mulher ou é fraca ou, ao contrário, forte, mas em qualquer caso é um ser dominado pela lascívia e luxúria que leva os homens ao pecado. E, a mulher é defeituosa devido a sua sexualidade aguçada, isto é, fora dos cânones. A história da condenação da mulher pela Igreja é antiga, mas nesse momento particular, conflui a misoginia, o antiempirismo e a sexofobia da Igreja.

Desta forma, é na fantasia sexual feminina e nos sentimentos de culpa sexual que irão alicerçar-se o imaginário europeu do período e assim, as explicações para as confissões de comportamentos bizarros por parte das mulheres, onde o desejo sexual, por si só, era maligno (Figura 2).

Figura 2: Uma feiticeira e seu demônio cavalgando um fálico cabo de vassoura rumo a um sabá. Gravura de Ulrich Molitor, Strasbourg, 1544.



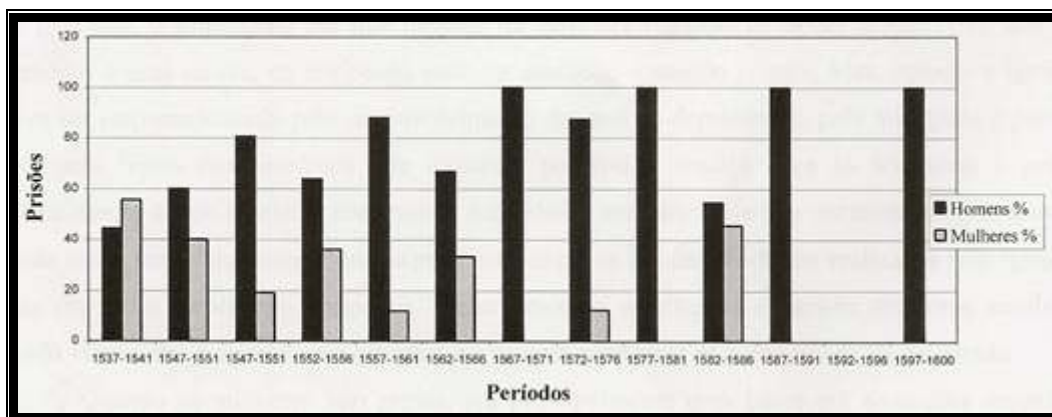
Fonte: MOLITOR (2008).

¹³ Os pormenores contra os poderes sexuais das mulheres se estendem, principalmente, entre as páginas 41-61 das 275 páginas da obra. Podemos ressaltar ainda, as passagens entre as páginas 109-122; 140-144 e 227-230.

No início do século XVI, muitos (especialmente entre a elite) começaram a sustentar uma nova crença, a saber, que esse poder sobrenatural provinha do diabo, que o conferia principalmente às mulheres em troca de sua obediência absoluta.

Muitos registros de julgamentos apontam para números desconhecidos de vítimas; o que dificulta ainda mais algumas análises é que muitos registros nem sequer fornecem o veredito do julgamento, não incluem aqueles que morreram na prisão ou que se suicidaram no cárcere (BARSTOW, 1995). O fato é que em quase todos os lugares, com exceção de Itália, Espanha e Portugal (Gráfico 1), mais mulheres do que homens foram acusadas e mortas.

Gráfico 1: Número de Prisões durante a Inquisição em Portugal no século XVI.



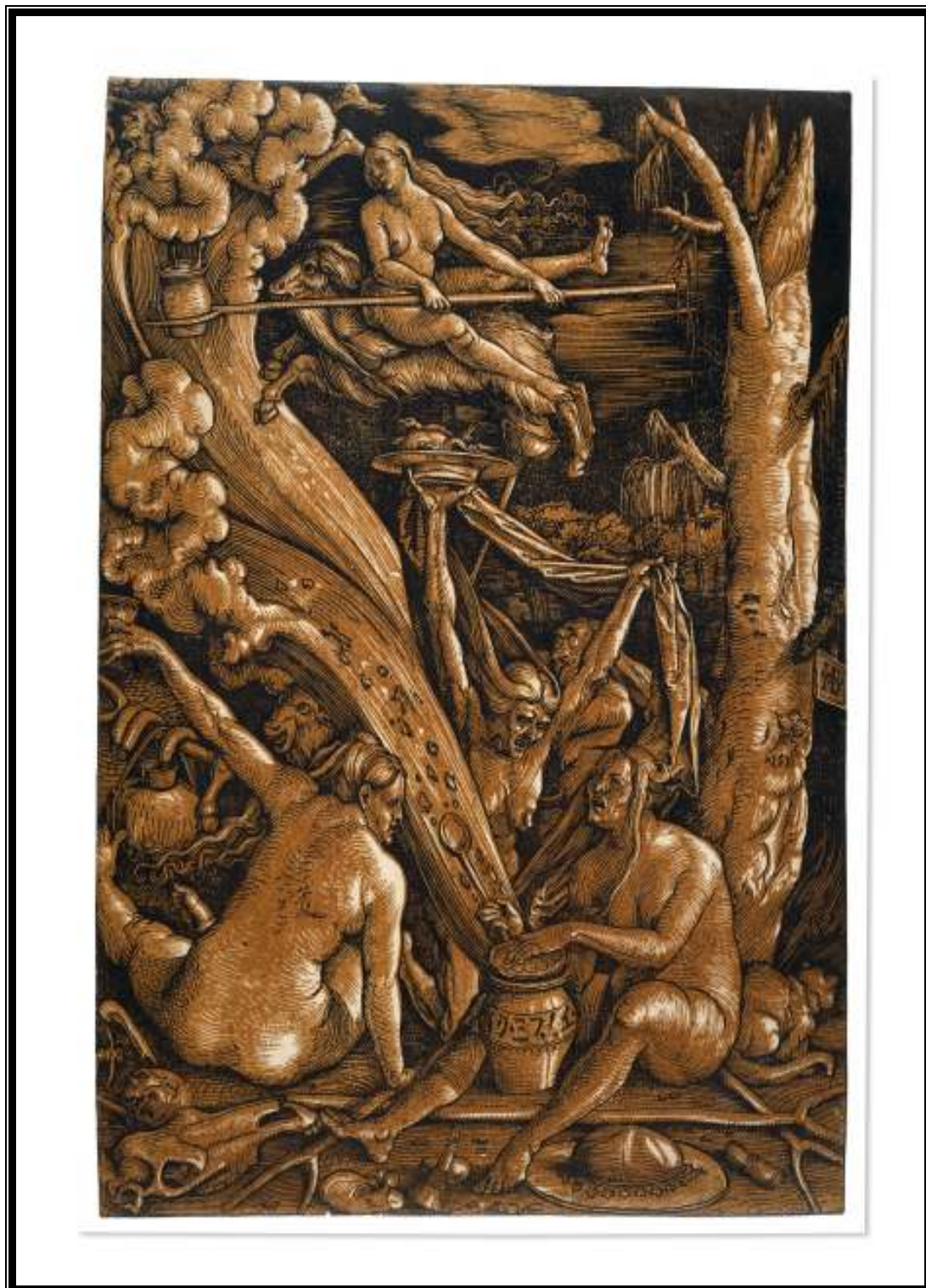
Fonte: SCALIA (2006, p. 24)

Os números mostram que, de fato, as mulheres foram vitimadas de forma esmagadora: em média 80% dos que foram acusados e 85% dos que foram condenados nos países germânicos, Itália e Espanha eram do sexo feminino (BARSTOW, 1995). O fato de somente 20% do total dos acusados terem sido do sexo masculino é uma indicação de que os homens não foram associados à feitiçaria. A maioria desses homens eram aparentados com mulheres já condenadas por bruxaria (tais como maridos, filhos ou netos) e, assim, não eram encarados como originadores da feitiçaria. Os poucos que não eram aparentados, na sua maioria, tinham registros criminais de outras felonias¹⁴, principalmente sexuais, como incesto, fornicção, adultério ou sodomia. Assim, embora as

¹⁴ Ação ou comportamento desleal; ato de maldade; crueldade.

mulheres cometessem menos crimes do que os homens, o estereótipo principal do criminoso do período, o da feiticeira (Figura 3), era feminino.

Figura 3: O sabá das feiticeiras. Hans Baldung Grien, Strassburg, 1514.



Fonte: MUSEU BRITÂNICO (2014).

Aliás, antes que vizinhos se voltassem contra vizinhos dessa maneira, era necessária a crença na existência de uma magia maligna. A maioria das pessoas, na Europa do século XVI, acreditava. Mais do que isso, o importante era que pessoas da estrutura regional de poder acreditassem que o demônio e seus servos, os feiticeiros, estavam atacando o mundo cristão.

Porém, embora a Igreja deva ser responsabilizada pelo desenvolvimento das teorias demoníacas, pela misoginia e pelos processos legais desenfreados que tornaram possível a maciça caça às feiticeiras e pelo oferecimento de um incentivo contínuo às autoridades seculares para que instaurassem processos, ainda assim temos de lembrar que as principais caças às bruxas não foram realizadas pela Igreja, mas sim pelas autoridades temporais. Nesse processo, a feitiçaria tornou-se um crime secular, sendo visto como traição, como um ataque à própria existência da comunidade ou do Estado.

Disto, nos interessa compreender que no século XVI o aumento da violência sexual na sociedade europeia foi exacerbada pela pressão da Igreja e do Estado para mudar os costumes sexuais básicos que recaíram com mais força, naturalmente, sobre o sexo feminino (BETHENCOURT, 2000). Todas as mulheres, curandeiras ou não, sofreram por serem controladas pela violência. Assim sendo, o sexo era relacionado ao demônio (Figura 4) e acreditava-se que as mulheres mais sexuais por natureza, portanto, mais suscetíveis ao demônio.

A Igreja se opunha continuamente as curandeiras e, desta forma, a cura da infertilidade com ervas era condenada como feitiçaria, assim como distribuir afrodisíacos e provocar o aborto. De tal modo, atacando o curandeirismo, a Igreja cortava pela raiz o poder feminino e assim, o controle destas sobre a fertilidade, a concepção, a gravidez bem sucedida e o parto seguro, abortos e contracepções, ou seja, pelo controle dos nascimentos, um poder longe do alcance da Igreja e próxima demais das autoridades em matéria de sexo as quais as mulheres estavam relacionadas, tornando-se ao que tudo indica o maior de todos os pecados sexuais.

Figura 4: O diabo que faz amor com a bruxa, "Teufelsbuhlschaft": Verführung durch den Teufel, 1489.



Fonte: MOLITOR (2014).

A tortura tinha, com muita frequência, seus ângulos sexuais e corporais. Realizada pelos homens em mulheres, a tortura em geral permitia experimentos sádicos e investidas sexuais gratuitas. Quando uma mulher era açoitada, ela tinha de ser despida até a cintura, de modo que os seios ficassem a mostra para o público. Para tentar forçar uma confissão, podiam aplicar-lhe repetidamente, ferros quentes nos olhos e em suas axilas, na boca de seu estômago, coxas, cotovelos ou mesmo na vulva. Como expõe Barstow (1995, p. 179):

Quando ele pegasse a faca, segurasse um dos seios de Anna na mão, decepasse a carne, colocasse o mamilo ensanguentado entre os lábios dela, a mulher sentiria a faca em sua própria carne, sentiria náusea, teria vontade de vomitar, tanto de vergonha como de horror. Ela se sentiria tonta com a pergunta que estaria martelando em sua cabeça: podem nossos corpos serem assim tão malignos?

Quando uma mulher era violentada e assassinada dentro da prisão, a culpa recaía sobre o diabo ou sobre a própria vítima, por ter provocado o ato. Os juízes inquiriam as mulheres suspeitas não somente sobre sua atividade sexual com o diabo, mas sobre toda sua atividade sexual com seus maridos e amantes também, tornando os pensamentos das mulheres, mesmo os mais íntimos, episódios públicos.

A base da teoria demonológica foi assentada por italianos e espanhóis, mas curiosamente nesses países a caça às bruxas não ocorreu. Nesses países, assim como em Portugal, os inquisidores viam essas atividades de feitiçaria mais como uma crença errônea do que como magia diabólica. Nessas regiões muitos curandeiros eram padres que misturavam métodos de magia popular e cristã nos seus exorcismos, incorrendo dessa maneira na ira da Igreja e em punições que abarcavam penitências de açoitamento ou banimento, mas não a morte.

Porém, quando o europeu atraca seus navios nas novas Colônias descobertas no século XVI, traz consigo esse imaginário diabólico, transpondo para todas as Colônias Americanas e seus habitantes seu olhar contaminado pelo além mar. Como menciona Ronaldo Vainfas em sua obra “A Heresia dos Índios” (1999, p. 25): “Os espanhóis tiveram a convicção de tropeçar por toda parte, na América, no poder do maligno, mas não desconfiaram de que era o seu próprio Lúcifer que haviam levado do Velho Mundo nos porões de seus navios”.

Na fala/escritos dos portugueses tudo era diabólico nos ameríndios que habitavam o litoral da Terra Brasil, principalmente sua nudez, as lubricidades e o canibalismo que a todos apavorava, costumes estes fartamente julgados e demonizados pelos religiosos europeus que por aqui passaram.

5 A TERRA BRASIL DOS CRONISTAS

O imaginário europeu presente em terras coloniais apresenta-se como atribuições oriundas de vários fatores, políticos, geográficos, econômicos, sociais, históricos e religiosos. Assim sendo, os precedentes de nosso descobrimento, bem como este processo, na medida em que condicionam a existência das bases do modo de ser e pensar que estarão presentes durante o período colonial brasileiro, se fazem necessários e indispensáveis, pois o nexo entre a representação dos corpos e interpretação dos costumes dos habitantes da Colônia com seus precedentes históricos é tão importante que o estudo daquela sem o conhecimento destes levar-nos-iam a interpretações grosseiras e análises falsas.

Por pensarmos desta forma iniciamos este capítulo mencionando que as caravelas de Pedro Álvares Cabral descobriram as terras do Brasil em 22 de abril de 1500. Cabral havia sido enviado, assim como Vasco da Gama, até a costa da África, mas os ventos desviaram suas naus e as levaram, “milagrosamente”, a um litoral desconhecido. Ou assim nos fizerem crer as versões oficiais da história, pois é muito mais provável que Cabral tenha recebido a missão secreta de se dirigir para oeste em busca do novo continente (ABREU, 2000). De qualquer forma, o cronista da expedição, Pero Vaz de Caminha, apressou-se em escrever ao rei um relatório minucioso sobre o país assim descoberto.

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer.

Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afear, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu. (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2014).

Abreu (2000) em “Capítulos de história colonial” já menciona como se inicia a História do Brasil. Entrega-se o país descoberto ao rei de Portugal, menos para explorar o ouro (que talvez não houvesse), ou para cultivar as terras, do que para

trazer a “salvação” aos indígenas. E o primeiro gesto dos marujos, descendo na praia, foi erguer a cruz de cristo. Porém, os interesses comerciais levam a melhor sobre os sonhos dos missionários. Imagem exata desta época, que assiste ao desenvolvimento ao mesmo tempo da Reforma, da Contra Reforma, a transformação da sociedade feudal em sociedade burguesa, capitalista.

Não havia interesse por parte da metrópole para com a nova terra, preferindo os territórios do extremo oriente que lhe rendiam mais que papagaios e frutos curiosos. Assim, menciona Holanda (2008) em sua obra “Raízes do Brasil” que, o Brasil desde cedo foi abandonado à ambição dos aventureiros, dos mercadores e dos cristãos-novos que vinham trocar miçangas e fazendas multicores com os indígenas pelo pau-brasil. Muitos eram portugueses, mas também desembarcaram aqui ingleses, bretões e normandos.

Porém, o valor do pau-brasil (a Árvore de tinta) crescia e, com ele, a atração dos estrangeiros e outras nações européias pela costa brasileira. Tornou-se necessário pensar em uma ocupação regular, justamente no momento em que Portugal se esgotou financeiramente devido às suas conquistas coloniais. O rei não podia arcar com as despesas decorrentes deste povoamento e precisou solicitar ajuda privada para tal empreitada, doando, portanto, vastas extensões de terra aos senhores que, tornaram-se donos destas sob a condição de cultivá-las com a mão-de-obra local.

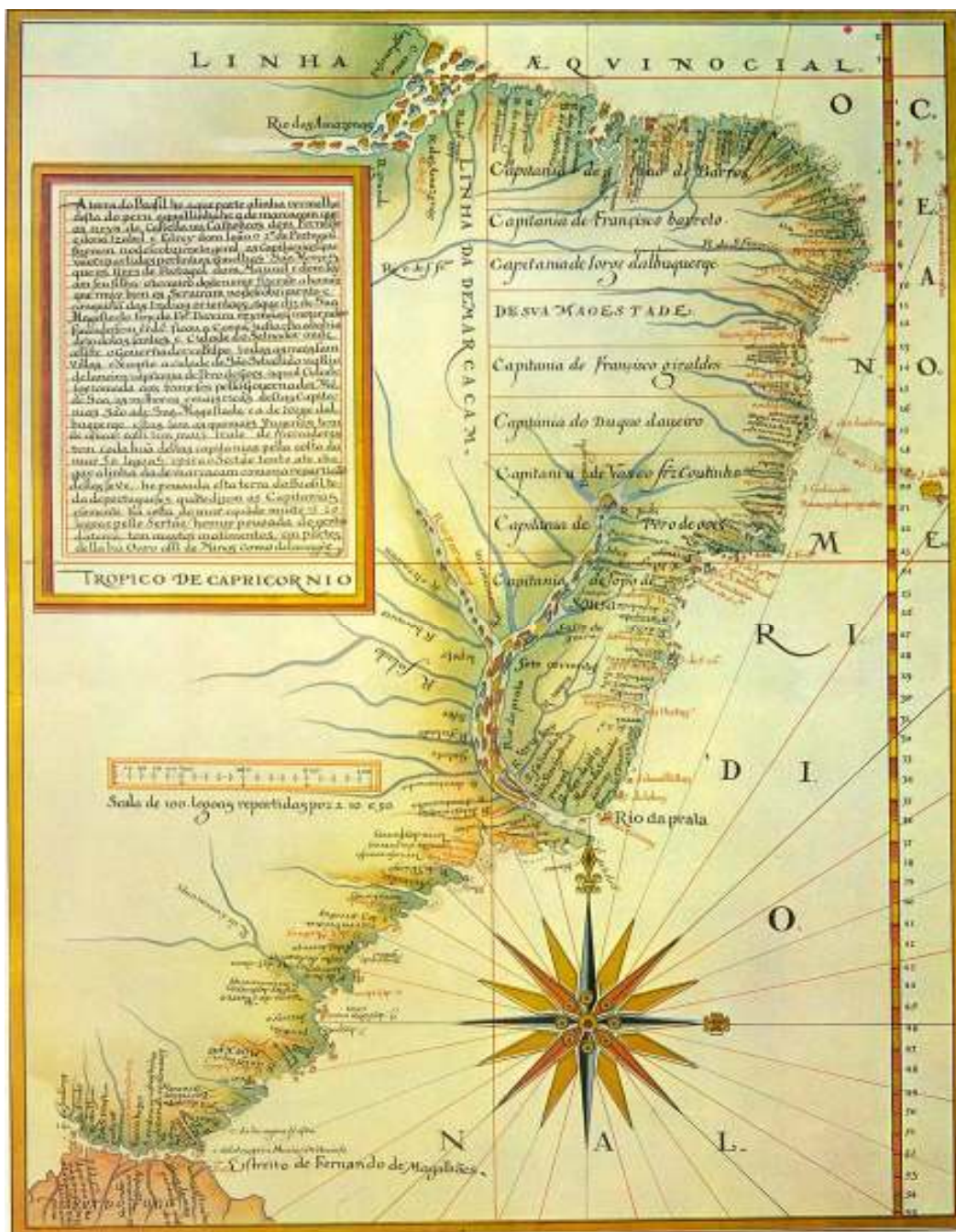
Assim, a costa foi dividida em quatorze partes mais ou menos igual, e todo o interior das terras, compreendido entre linhas horizontais traçadas a partir do litoral, foi doado, com a denominação de Capitânicas Hereditárias (Figura 5).

Estas teriam direito de justiça, de concessão de sesmarias, e também a missão de fundar aldeias, de povoar os domínios e de introduzir neles a agricultura na qual trabalhariam os habitantes locais, reduzidos à escravidão (ABREU, 2000). Recomeçava no Brasil do século XVI a similar experiência feudal.

De simples Colônia de exploração extrativa o Brasil transformou-se numa Colônia de povoamento, porém a iniciativa foi abandonada aos particulares, que arcavam com todos os riscos. É o que, desde o início, distingue a colonização portuguesa da colonização espanhola. Riscos e perigos numerosos para os

donatários. Florestas densas e misteriosas, negros da terra¹⁵ antropófagos, corsários estrangeiros rondando em torno das cidades que nasciam invadindo-as para saquear.

Figura 5: Mapa com a divisão da América portuguesa em capitânias.



Fonte: TEIXEIRA (1574).

¹⁵ O mesmo que “negro brasis”, “escravo do gentio”, “forros brasis”, ou seja, nomeações dadas aos índios durante o século XVI (VAINFAS, 1997a).

Não é de admirar que, nestas condições, somente algumas destas Capitâneas tenham alcançado êxito, como São Vicente e Pernambuco, em que os portugueses encontraram instalados alguns de seus conterrâneos misturados aos nativos, tendo já se tornado quase gentios também. Fora delas, a experiência falhou devido a falta de recursos financeiros e humanos. Sem dinheiro, sem soldados, atacados do exterior pelos estrangeiros, pelo interior pelos indígenas, sem colonos em número suficiente, muito distanciados da metrópole.

Desta forma, como nos expõe Abreu (2000), já em 1549, o regime de Capitâneas Hereditárias é suprimido e Tomé de Sousa é enviado ao Brasil como governador-geral por D. João III na tentativa de trazer a ordem e construir na Bahia a capital da Colônia. Ele foi o encarregado de distribuir sesmarias a todos que desejassem plantar mandioca, milho, fumo, e principalmente a cana-de-açúcar proveniente dos Açores. Este ainda veio acompanhado por soldados, feitores, artistas e jesuítas, mas de nenhuma mulher. E neste momento iniciava-se uma dupla conquista: a conquista da terra pelos soldados e a conquista das almas pelos jesuítas, ambos com foco principal sobre os corpos das negras da terra.

A colonização brasileira toma caracteres próprios, que a distinguem ao mesmo tempo da colonização espanhola e da colonização anglo-saxônica.

Num conjunto de fatores tão diversos, como as raças que aqui se chocaram, os costumes e padrões de existência que nos trouxeram, as condições mesológicas e climatéricas que exigiam longo processo de adaptação, foi o elemento orquestrador por excelência. Favorecendo a mobilidade social, estimulou os homens, além disso, a enfrentar com denodo as asperezas ou resistências da natureza e criou-lhes as condições adequadas a tal empresa. (HOLANDA, 2008, p. 46).

O europeu encontra diante de si um mundo desconhecido, um clima mais permissivo sexualmente¹⁶, uma terra mais luxuriante. Precisa adaptar-se a novas condições de vida. Assim é que aprendem com os “negros da terra” seus

¹⁶ De acordo com Vainfas (1997a; 1997b), as mulheres nativas eram muito mais “complacentes” com as questões sexuais. Em sua lógica social o sexo era permitido antes dos acordos conjugais tanto para homens como para as mulheres. Em muitas sociedades indígenas a mulher tinha a liberdade de escolha sobre seus parceiros e, com relação aos locais para a prática sexual, bastava a vontade para o ato.

processos culturais, como as queimadas que arrasam as florestas selvagens, adota uma parte da alimentação nativa, troca a cama pela rede, o pão pelos bijus de mandioca, entre outros. Enquanto o anglo-saxão enxerta a sociedade inglesa na América do Norte, o português se deixa modelar pelos trópicos. Necessita, todavia, conquistar a floresta, sempre invasora, aos índios sempre invisíveis, a terra em que planta as roças. Precisam combater as árvores, os cipós, as raízes que enchem a terra.

O português, no início, teve falta de mulheres brancas, afora algumas raras órfãs enviadas de Lisboa ou algumas solteiras¹⁷. Mas precisava povoar a nova terra. Daí as relações com as índias, a poligamia do branco, a mestiçagem. Relações que se foram regularizando pouco a pouco pela influência dos jesuítas e se formalizando em casamentos. Enlaces de etnias, enlaces de culturas. Quando as mulheres brancas se tornaram mais numerosas, esposas “legítimas”, o hábito da poligamia já estava adotado e os patriarcas semearam mamelucos por quase todo o solo brasileiro. A colonização brasileira destruía fronteiras e reunia, em novas relações, as cores mais heterogêneas e as civilizações mais díspares. (VAINFAS, 1997a; 1997b).

A formação do Brasil atingiu pequenas localidades. Existiram efetivamente, no princípio da colonização, quatro centros principais de povoamento, todos localizados no litoral, mas extremamente distanciados uns dos outros, comunicando-se apenas pelo mar: Maranhão, Pernambuco, Bahia e São Vicente. Células primordiais que se multiplicaram, dando nascimento, ao seu redor, a outras células. Durante muito tempo, portanto, o país não terá apenas a unidade, mais fictícia do que real do governo-geral, e irá compor-se apenas destas ilhotas de população.

Na medida em que os primeiros europeus vão chegando, alianças também são feitas, assim como rivalidades com os locais. Destacam-se, no recorte deste estudo, dois grupos étnicos locais: os Tupiniquins e os Tupinambás. Inimigos entre si, os primeiros associaram-se aos portugueses, enquanto os demais aos franceses.

¹⁷ Convém esclarecer que na época, mulher solteira não possuía o mesmo significado que lhe atribuímos nos dias atuais, ou seja, de mulher não casada. Com sentido muito diferente, solteira era, como se dizia, a mulher pública, quase um sinônimo de meretriz, ainda que sem conotações profissionais.

Como menciona Scalia (2009), além de estruturarem-se por motivos territorialistas, estas alianças configuraram-se como solução para a falta de mulheres brancas européias na Colônia brasileira, dando início a relações antagônicas de práticas sexuais: uma baseada na liberdade sexual local e, a outra, trazida pelos jesuítas catequizadores que, desprezavam a poligamia e todos os deleites sexuais locais. Como observa Ribeiro (2005, p. 5)

a educação sexual, passada informal e naturalmente, sem ninguém pensar que fosse de fato uma educação sexual, de livre que era, ia muito lentamente absorvendo o sentido de pecado que lhe atribui a Igreja Católica.

Senatore (2005), em “História da Sexualidade no Brasil”, discute as primeiras concepções sobre os viventes das novas terras e o imaginário europeu povoado de fantasias de paraíso e inferno e, de como essas idéias foram elaboradas dentro da construção de nossa auto-imagem. Assim, para a autora, a Igreja objetivava tecer durante o dia Adãos e Evas, enquanto os viventes durante a noite, longe dos olhares vigilantes, destecem essa teia.

E não tardou a aproximação do indígena às representações de selvagem e monstro, fugindo da visão de inocência apresentada por Caminha. Os habitantes da nova terra tornaram-se perigo constante para os europeus recém instalados. E não só os habitantes mas também a natureza por muitos endeusada, passa a ser vista como obstáculo à vida nos trópicos. Frente às adversidades climáticas nada se podia fazer. E, do paraíso, chega-se ao inferno e ao purgatório. (SENATORE, 2005, p. 21).

É neste cenário que desembarcam ao sul de terras brasileiras cronistas como Hans Staden, Jean de Léry, Gabriel Soares de Souza, André Trevet, entre outros, que fomentaram uma construção literária seiscentista dos habitantes destas terras que enchia os olhos e o imaginário europeu sobre os trópicos do além mar.

A sexualidade em solo brasileiro passava, assim como na Europa, a pertencer ao mundo feminino e, o trabalho, ao mundo masculino. O apetite sexual descrito pelos cronistas, todos religiosos, comparava o desejo antropofágico das velhas índias com os piores atributos de Eva (RAMINELLI, 2004). O Velho

Testamento já havia representado a mulher como fraca e suscetível. Aliás, desde Eva, as tentações da carne e as perversões sexuais surgem do sexo feminino.

E disse a Adão: Porque deste ouvidos à voz de uma mulher e comeste da árvore de que eu tinha ordenado que não comesses, a terra será maldita por sua causa; tirarás dela o sustento com trabalhos penosos todos os dias de tua vida. Gêneses: 3,17 (BÍBLIA SAGRADA, 1985, p. 28).

Os manuais inquisitoriais do final da Idade Média partem comumente da falta de autocontrole para explicar as perversões que acomete o mundo feminino. Aí está incluído, a partir do olhar europeu dos cronistas, o desejo canibal das indígenas. Assim, como esclarece Raminelli (2004), se a misoginia cristã explica a ligação da imagem feminina à perversão, a teoria da degeneração permite entender as características atribuídas às velhas índias.

Em resumo, as gravuras e as narrativas sobre o ritual antropofágico destacam dois tipos de vingança: a masculina, caracterizada pela execução e pelo fracionamento do corpo e a feminina, expressa na alegria, no prazer e no escárnio. Também as gravuras remetem a trilogia “prazer, canibalismo e mulher” e às passagens bíblicas sobre Eva. (RAMINELLI, 2004, p. 33-34).

Em suma, elas simbolizavam o afastamento das comunidades ameríndias da cristandade e, sobretudo, a inviabilidade de se prosseguir com os trabalhos de catequese e colonização. Esses seres degenerados eram incapazes de participar da nova comunidade que se inaugura no Novo Mundo. A irreversibilidade dos costumes e de sua moral, tornava-as um entrave aos avanços da colonização. As velhas de seios caídos personificavam, nessa perspectiva, a resistência indígena contra os empreendimentos coloniais europeus. (RAMINELLI, 2004, p. 43)

5.1 Descrição das Obras e seus Autores

Nos primeiros séculos após a descoberta do Brasil, muitas expedições de franceses, holandeses e portugueses foram realizadas para o Brasil com o objetivo de desbravar, mapear e colonizar nosso território. Por conta disto, muitos artistas, cientistas e pessoas comuns vieram nestas expedições para documentar

a fauna, a flora e os costumes daqueles que habitavam o sul da linha do equador.

As primeiras imagens das paisagens brasileiras, dos animais, dos índios e dos que aqui desembarcavam foram realizadas por estes grupos de expedicionários. Portanto, estas obras são de extrema importância para compreendermos a realidade e o imaginário deste período.

Desta forma, é certo que o olhar eurocêntrico cristão imperou sobre as narrativas de viagem desta época; a Europa estava fundada sobre a hegemonia da Igreja Católica e Protestante, na disputa entre as Reformas, e isso se nota fortemente. Agora, a recepção dos índios aos europeus nem sempre foi à mesma. Ler sobre essas histórias é, assim, uma digressão ao passado de nós mesmos, aos nossos processos de formação. E o estranhamento dos povos estrangeiros é certamente tão forte quanto sua recíproca.

5.1.1 Hans Staden e suas Duas Viagens ao Brasil

Figura 6: Retrato de Hans Staden feito por H. J. Winkelmann em 1664.



Fonte: STADEN (2008, p. 27).

São escassos os dados sobre a vida de Hans Staden (Figura 6), que empreendeu duas viagens ao Brasil em meados do século dezesseis e principal cronista para nossa análise. O pouco que se sabe sobre esta figura histórica é produto de sua própria obra. Hans Staden nasceu em 1525 na cidade de Homberg, Hesse, um dos dezesseis estados alemães e situado da região central do país. Faleceu em 1579, aos 54 anos, em Wolfhagen, outra cidade alemã situada ao norte do mesmo estado.

Em sua primeira viagem embarcou como artilheiro numa nau portuguesa que veio a Pernambuco, em 1547, e retornou a Lisboa no ano seguinte.

De acordo com sua obra “Duas viagens ao Brasil” (2008), de Portugal partiram para a capitania de Pernambuco aonde chegaram em 28 de Janeiro de 1548. A embarcação portuguesa em que estava tinha o objetivo principal de recolher pau-brasil, mas também deveria combater navios franceses que estivessem negociando com os nativos, bem como deveria também transportar degredados portugueses enviados para povoar a colônia. Retornaram à Europa, aportando em Lisboa no dia 8 de Outubro do mesmo ano.

Sua segunda viagem, porém, foi a que nos guardou relatos de uma espécie de pesquisa etnográfica.

A Corte Espanhola necessitava de um governador para o Rio do Prata, localizado na região que hoje é o Paraguai. Para tanto, nomeou João de Sanabria para tal feito após este ter se oferecido em auxiliar a Corte. Como este veio a falecer, seu filho Diogo de Sanabria herdou as ordens dadas ao pai em 1549 (p. 05).

Porém, a Corte Espanhola coletou informações de que outras duas expedições projetavam-se para a mesma região e ordenou a Diogo de Sanabria uma atitude rápida. Este, por sua vez, enviou embarcações às pressas à sua frente, nomeando João de Salazar, Capitão do patacho¹⁸ São Miguel, tesoureiro geral da Província do Rio da Prata.

Partindo de Sanlúcar de Barrameda (Figura 7), município da Espanha na província de Cádiz, comunidade autônoma de Andaluzia a 10 de abril de 1550

¹⁸ Tipo de embarcação do período, maior que uma caravela (STADEN, 2008).

(STADEN, 2008, p. 53) com mais duas caravelas¹⁹, João de Salazar iniciava sua jornada para o Novo Mundo com uma tripulação total de trezentas pessoas, dentre elas cinqüenta mulheres (casadas e solteiras) e Hans Staden, que se encontrava na embarcação principal como arcabuzeiro²⁰.

Figura 7: Localização de Sanlúcar de Barrameda na Espanha



Fonte: WIKIPÉDIA (2014a).

Ainda de acordo com os relatos de Staden, durante o trajeto, as embarcações se separaram por ocasião de uma tempestade próxima a São Tomé. O patacho São Miguel seguiu viagem, mas foi abordado por uma embarcação francesa em 25 de julho de 1550 (STADEN, 2008, p. 06), deixando-os sem suprimentos, salvaguardando armas e a “honra” das mulheres.

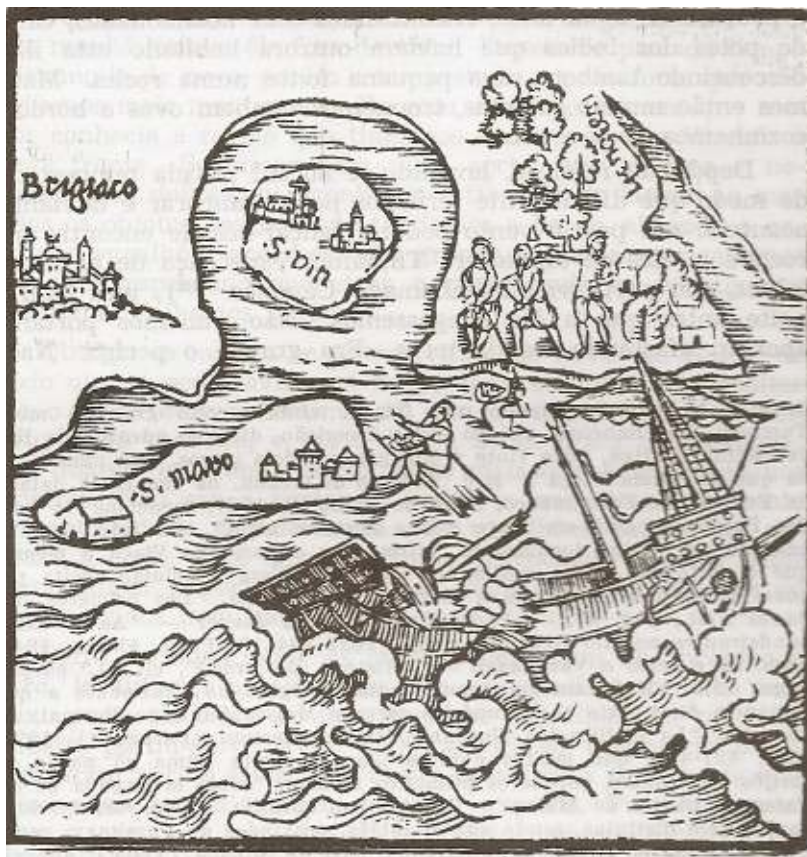
Finalmente, em 16 de dezembro do mesmo ano, o patacho chega a Ilha de Santa Catarina com muitas baixas e lá reencontra a caravela de Becerra da qual haviam se perdido durante a tempestade. Durante o relato de Staden o que nos surpreende são os cálculos que vamos fazendo sobre o número de tripulantes sobreviventes. Neste momento, com o reencontro das duas embarcações, temos um número próximo de cento e vinte pessoas, menos da metade da tripulação original, das quais aproximadamente quarenta são mulheres e crianças (STADEN, 2008, p. 7).

¹⁹ Uma das caravelas era comandada pelo Capitão Francisco Becerra e a outra pelo Mestre João de Ovando (STADEN, 2008).

²⁰ No séc. XVI, soldado de cavalaria armado de arcabuz, uma antiga arma de fogo portátil.

Em 1552 os tripulantes resolvem se dividir em dois grupos para chegarem ao ponto de destino da expedição original, Assunção. Desta forma, um grupo, comandado por João de Salazar, vai pelo mar e outro, por terra. O primeiro grupo, do qual Hans Staden fazia parte, sofreu com disputas internas de comando e se dividiu novamente. Uma parte decidiu povoar São Francisco do Sul e os demais seguiram viagem rumo a São Vicente, entre eles, Staden (p. 66).

Figura 8: Naufrágio no litoral de Itanhaem descrita por Hans Staden



Fonte: STADEN (2008, p. 67).

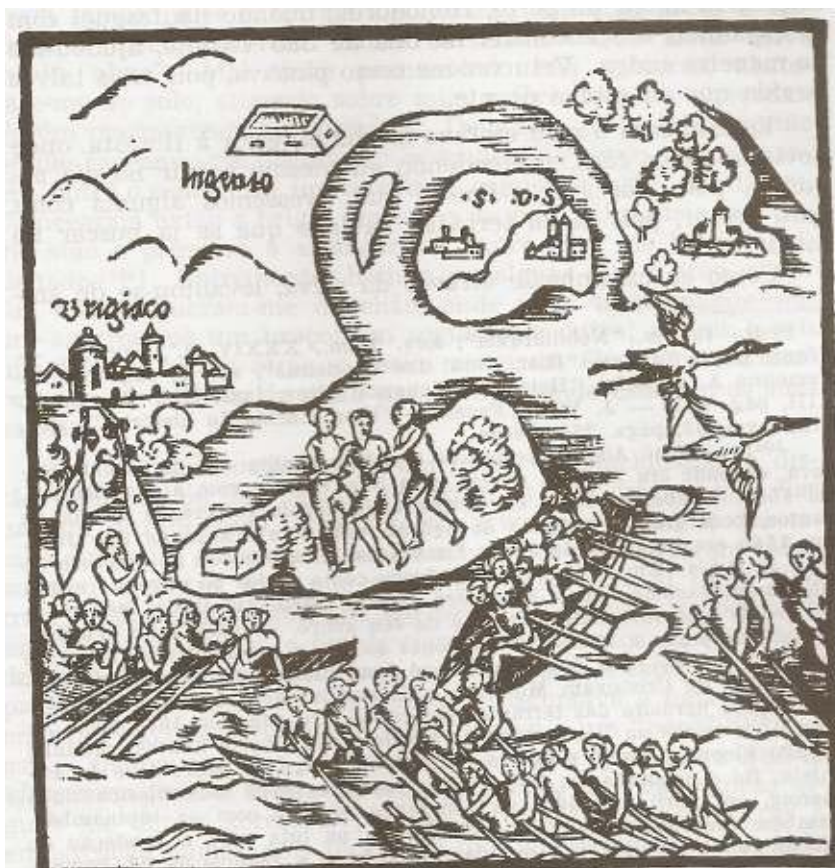
Em um novo naufrágio em 25 de junho de 1553, agora próximo a Itanhaem, litoral de São Paulo, o grupo com apenas treze companheiros se vê obrigado a esperar nova embarcação para prosseguir viagem. Em meados de janeiro de 1554²¹, quando se achava em Santo Amaro (Figura 8), em um descuido ao

²¹ Não há uma precisão no mês de aprisionamento de Hans Staden pelos tupinambás. Porém, pelos seus relatos nos capítulos 38, 41, 42 e 52 da primeira parte, entendendo que este ficou aprisionado por cerca de nove meses, podemos chegar à aproximação das datas.

caminhar sozinho a procura de caça, Hans Staden é capturado (Figura 9) pelos índios tupinambás (STADEN, 2008, p. 79).

Amarrado e transportado por mar, Staden fez de tudo para convencer seus captores de que ele não era um *peros*, como chamavam aos portugueses, mas sim um *mair*, um francês, portanto um aliado deles.

Figura 9: Aprisionamento de Hans Staden pelos tupinambás.



Fonte: STADEN (2008, p. 79).

Nas palavras de Staden (2008),

como eu caminhasse através da selva, levantou-se de ambos os lados do caminho um grande alarido, como é hábito entre os selvagens. Essa gente correu para mim, e reconheci que eram índios. Eles cercaram-me, visaram-me com arcos e flechas, e assetearam-me. Então exclamei: “Que Deus salve minha alma”. (p. 80-81).

Ele prossegue:

Lá estava eu, rezando e olhando em torno, porque esperava o golpe. Afinal o chefe, que queria possuir-me, tomou a palavra e disse que deviam conduzir-me vivo para casa, a-fim-de que suas mulheres também me vissem com vida e tivessem o divertimento que lhes cabia à minha custa. Nesta ocasião haveriam de matar-me a “cauim pepica”, isto é, preparariam bebidas, organizariam uma festa e devorar-me-iam conjuntamente. (p. 82)

Quando nos aproximamos, vimos uma pequena aldeia de sete choças. Chamavam-na Ubatuba. Dirigimo-nos para uma praia, aberta ao mar. Bem perto trabalhavam as mulheres numa cultura de plantas de raízes, que eles chamam mandioca. Estavam aí muitas delas, que arrancavam raízes, e tive que lhes gritar em sua língua: “Aju ne xé peê remiurama”, isto é: “Estou chegando eu, vossa comida”. (p. 87).

A Figura 10, correspondente ao mapa do Estado de São Paulo, encontra-se a ilustração da localização de Ubatuba.

Figura 10: Localização da Estância Balneária de Ubatuba em São Paulo.



Fonte: WIKIPÉDIA (2014b)

De acordo com o estudo de Fernandes (2006), em “A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá”, os inimigos capturados pelas tribos indígenas passam por um processo de integração á sociedade dos captadores para só depois

serem destruídos e devorados. A conversão do cativo em vítima promovia sua integração à comunidade. É previsto pelas regras indígenas um período de convivência harmônica entre o prisioneiro e a comunidade.

Além das ameaças de ser devorado a qualquer instante, os seus captores, depois de terem-no levado para a aldeia, arrastavam-no para que presenciasse as cerimônias antropofágicas que realizavam. Certa vez, carregaram-no até a aldeia de Ticoaripe, em Angra dos Reis, para ver um dos seus inimigos ter a cabeça esmagada pelo ibirapema, o tacape de execuções. Logo em seguida, presenciou os restos do indígena serem rapidamente ingeridos pela tribo inteira, embriagada previamente com licor de raízes. (STADEN, 2008, p. 112-113).

Permaneceu cativo na aldeia do chefe Cunhambebe, entre meados de janeiro a 31 de outubro de 1554, conseguindo adiar a sua morte ao longo dos meses tentando fazer-se de poderoso para os índios, mostrando seus poderes de comunicação com os deuses – prever a chuva ou a morte de um de seus membros - conseguindo, assim, inserir-se no cotidiano sagrado dos índios.

Sonhou o Guaratinga-açu que eu tinha ido a ele e dito que ele ia morrer. Em vista disso veio-me uma manhã cedo e expôs-me sua aflição. Consolei-o, não haveria perigo nenhum, mas não devia também querer matar-me, nem aconselhar tal a outrem. Respondeu que não, e que se as pessoas que me haviam aprisionado não me matassem, não me queria também fazer mal, e mesmo que eles me matassem, não comeria nada de mim. (STADEN, 2008, p. 108-109).

[...] pedi ao Senhor, de todo o coração, provar em mim o seu poder, desde que os selvagens de mim o exigiam, e para que vissem como o meu Deus sempre está comigo. Quando terminei a oração, veio rugindo o vento, com a chuva, e choveu até cerca de seis passos de nós. Porém lá, onde estávamos, ficou seco, ao que Paraguá exclamou: “Agora vejo que falaste com o teu Deus” (STADEN, 2008, p. 136-137).

Hans Staden foi dado de presente a um chefe indígena chamado Abatípoçanga, nativo de Taquaraçú-tiba, próximo ao porto de Niterói. Ficaram sabendo uns franceses recém chegados aos porto que Staden estava no vilarejo cerca de catorze dias. O capitão do navio corsário francês Catherine de Vatteville enviou então dois dos seus com índios amigos para a aldeia com ordens de trazer Staden a bordo.

Staden foi ao navio acompanhado de seu novo amo e neste, fizeram parecer ao indígena que estavam a bordo os familiares de Staden e que estes desejavam levá-lo a seu pai para vê-lo uma última vez antes de morrer. Acordaram então com Abatí-poçanga que Hans voltaria com o primeiro navio. Assim, enfim, Hans Staden foi resgatado depois de mais de nove meses aprisionado.

De volta à Europa, Hans redigiu um relato sobre as aventuras em suas viagens no Novo Mundo, uma das primeiras descrições para o grande público acerca dos costumes dos indígenas sul-americanos. O livro intitulado "História verdadeira e descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos, situada no Novo Mundo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas Terras de Hessen até os dois últimos anos, visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência própria e agora a traz a público com essa impressão" (STADEN, 1837) ficou conhecido pelo nome "Duas Viagens ao Brasil" e foi publicado, pela primeira vez, em Marburgo, na Alemanha, por André Kolbe em 1557.

Figura 11: Capa da Coleção Reconquista do Brasil da obra de Hans Staden.



Fonte: STADEN (2008).

A obra obteve sucessivas edições (Figura 11), constituindo-se num sucesso editorial devido às suas ilustrações de animais e plantas, além de descrições de rituais antropofágicos e costumes exóticos. Para os estudiosos, a obra contém informações de interesse antropológico, sociológico, linguístico e cultural sobre a vida, os costumes e as crenças dos indígenas do litoral brasileiro na primeira metade do século XVI como podem ser observados por alguns trechos do livro:

Formaram um círculo ao redor de mim, ficando eu no centro com duas mulheres. Amarraram-me numa perna um chocalho e, na nuca, penas de pássaros. Depois, começaram as mulheres a cantar e, conforme um som dado, tinha eu de bater no chão o pé onde estavam atados os chocalhos. (p. 91)

Dão de comer bem ao prisioneiro. Conservam-no por algum tempo e então se preparam. Para tanto fabricam muitas vasilhas, nas quais põem suas bebidas e queimam também vasilhame especial para os ingredientes com que pintam e enfeitam. Além disso fazem borlas de penas, que amarram ao tacape com que o matam. Fabricam também uma longa corda, chamada mussurana. Com esta o amarram, antes de executá-lo. (p. 179)

Várias reedições se sucederam nesse mesmo ano. A obra foi traduzida para o flamengo, o holandês, o latim e o francês e, já no século XVIII contava com mais de cinquenta edições. A primeira edição em língua portuguesa apareceu somente em 1892, numa tradução deficiente da versão francesa.

Em 1925 Monteiro Lobato traduziu a primeira parte do livro e adaptou-a numa versão para jovens. Em 1930, uma edição mais cuidadosa apareceu, com texto traduzido do original, por Alberto Lofgren, e notas de Teodoro Sampaio. (p. 23).

Batizada de "Duas viagens ao Brasil", a obra está dividida em duas partes. A primeira narra a chegada do viajante ao país e sua captura pelos índios, envolvendo o leitor com a sucessão de peripécias que compõem o relacionamento entre Staden e os tupinambás. A segunda descreve os nativos e seu modo de vida²². A obra completa apresenta ainda cinquenta e duas

²² A primeira parte do livro intitulado "As Viagens" divide-se em cinquenta e quatro capítulos e apresenta-nos um total de trinta e uma xilogravuras. A segunda parte

xilogravuras e quatro mapas que ilustram o tempo permanecido em solo colonial²³.

Para evitar qualquer descrédito sobre sua obra, Hans Staden tomou o cuidado de banir de seus relatos qualquer menção à flora ou fauna fantástica, solicitando (como não era bom com as letras) ao Dr. Johann Eichmann, chamado Dryander, professor catedrático de medicina na Universidade de Marburgo para rever, corrigir e, quando necessário, aperfeiçoar o original. Este era doutor dedicado à matemática e à cosmografia, sendo ele extremamente preocupado em relatar a verdade, evocando, inclusive, à linhagem paterna de Staden – a qual conhecia – para auferir idoneidade. Foi responsável pelo prefácio da obra original.

Além disso, como relata Wendt (1993), o êxito da vendagem do livro de Staden no século XVI deveu-se largamente à mensagem religiosa que continha. Staden apareceu aos seus conterrâneos da Igreja Reformada, como alguém que escapara miraculosamente das garras do demônio, graças a sua fé protestante. Aliás, ao longo do livro, este reproduziu as orações e preces que fez aos céus para poder escapar aquele pesadelo.

Ó tu, todo poderoso, que creaste o Céu e a Terra; tu, Deus dos nossos patriarcas Abraão, Isaac e Jacó; tu, que tão poderosamente guiaste o teu povo d'Israel através do Mar Vermelho, livrando-o do seu inimigo; [...] a ti peço, ó tu, sempre soberano, queiras salvar-me das mãos destes homens cruéis, que não te conhecem, pelo amor de Jesus Cristo, teu querido filho [...] E quando me tiveres arrancado do seu poder, hei de louvar teu benefício, e trazê-lo à luz dentre todos os povos onde estiver. Amen. (STADEN, 2008, p. 147-148).

Portanto, a narrativa, também, serviu como uma poderosa arma na guerra travada ao longo do século 16, entre protestantes e católicos.

intitulada “A terra e seus habitantes” subdivide-se em outros trinta e oito capítulos com um total de vinte e uma xilogravuras.

²³ Curiosamente as xilogravuras foram traçadas sob a orientação de Hans Staden, mas seu autor permanece desconhecido. A única referência sobre o gravador destas xilogravuras aparece na primeira xilogravura da obra onde observa-se as iniciais D.H. gravadas na flâmula do mastro central da embarcação.

5.1.2 Jean de Léry e a Viagem à Terra do Brasil

Figura 12: Retrato de Jean de Léry



Fonte: GRUPO JEAN LÉRY DE LITERATURA (2011)

Jean de Léry (Figura 12) nasceu em 1534, em Lamargelle, comuna francesa na região administrativa da Borgonha e faleceu em 1611, aos 77 anos, em Berna, na capital Suíça. Foi um pastor e missionário francês membro da igreja reformada de Genebra durante a fase inicial da Reforma Calvinista.

Porém, quando decidiu em 1556 aos 22 anos embarcar à França Antártica (Figura 13), Colônia Francesa estabelecida na Baía de Guanabara, atual cidade do Rio de Janeiro, Jean de Léry era apenas jovem sapateiro e estudante de teologia que acompanhava um grupo de ministros e artesãos protestantes. Pouco se sabe a respeito de sua vida antes desta viagem, mas parece improvável que ele seja oriundo de uma importante família ou que tenha recebido uma educação mais elaborada (LÉRY, 2007).

A França Antártica havia sido estabelecida por Nicolas Durand de Villegagnon²⁴, almirante da marinha francesa convertido ao calvinismo.

²⁴ Nicolas Durand de Villegagnon, enquanto oficial naval, foi responsável pelo estabelecimento colonial francês na costa brasileira onde hoje encontra-se o Rio de Janeiro. Batizada de França Antártica, esta região recebeu os cronistas Jean de Léry e André Thevet. Villegagnon foi responsável pela expulsão de Léry destas terras alegando heresia já que este era protestante. Foi por conta deste episódio que Jean de Léry se viu

Villegagnon embora inicialmente aceitasse os protestantes, passados oito meses da chegada destes, expulsou-os acusando-os de heresia.

Figura 13: Mapa francês da Baía da Guanabara 1555.



Fonte: WIKIPÉDIA (2014c).

Léry e os demais passaram mais dois meses na região da Baía de Guanabara, acolhidos pelos índios Tupinambás que eram aliados dos franceses em terras brasileiras. Alguns dos missionários retornaram para a Colônia e foram mortos por Villegagnon. Jean de Léry e parte dos missionários retornaram à França em um navio bastante avariado em uma viagem arriscada que demorou mais do que o usual. Ao final do percurso para sobreviver tiveram de comer couro, papagaios, ratos e até mesmo o Pau Brasil que traziam consigo (p. 136). Sem saberem, Léry e seus amigos traziam na bagagem uma carta escrita por Villegagnon ordenando a prisão e execução dos missionários. A ordem não foi cumprida²⁵ e os missionários foram acolhidos na França por autoridades protestantes.

obrigado a aliar-se aos índios da região da Baía da Guanabara por dois meses, possibilitando a escrita de sua crônica sobre os tupinambás.

²⁵ Villegagnon manifestou-se contra os protestantes após se dizer convertido oito meses antes. Como esta era a fé manifesta pela maioria das autoridades francesas da época,

De volta a Genebra em 1558, Jean de Léry seguiu com seus estudos e tornou-se pastor. Embora tivesse colhido muitas notas e observações sobre o período em que esteve no Brasil, sua intenção nunca foi de publicar uma narrativa.

De volta à França não tinha eu a intenção de tornar públicas as memórias que escrevera, em grande parte com tinta do Brasil, e ainda na América, nem as coisas notáveis que observara, mas de bom grado as contava pormenorizadamente aos que me inquiriam. (LÉRY, 2007, p. 35).

Em 24 de Agosto de 1572, na chamada "Massacre de São Bartolomeu", os católicos assassinaram inúmeros protestantes na França, dando início a uma guerra civil que dividiu o país. Jean de Léry estava em Sancerre quando se deu o massacre. O cerco à cidade foi prolongado e Léry ensinou aos seus companheiros alguns truques de sobrevivência que aprendera no Brasil. A experiência de escasses, especialmente na viagem de volta à França, foi útil a Léry nesse conflito. Com outros protestantes, ele resistiu a um cerco de tropas católicas. Léry ensinou aos demais a dormirem em redes e sobreviverem comendo quase nada.

Os católicos terminaram por desistir do cerco sem prejudicar tanto os protestantes. Desta experiência nasceram os seus dois livros: "História Memorável do Cerco de Sancerre" e "História Memorável da Cidade de Sancerre" publicados dois anos depois no qual acusa os franceses de serem mais bárbaros do que os índios canibais que conheceu no Brasil (LÉRY, 2007, p. 24-25).

Contudo, a fama de Léry enquanto escritor deve-se ao seu livro "História de uma Viagem às Terras do Brasil" (Figura 14), onde relata as experiências vividas e registradas no seu diário de bordo.

seu ato foi entendido como uma espécie de traição sendo suas ordens posteriores negadas por estas mesmas autoridades.

Figura 14: Capa da Coleção Reconquista do Brasil da obra de Jean de Léry.



Fonte: LÉRY (2007).

O livro foi publicado em 1578, após o manuscrito original ser perdido e outros contratempos referentes às Guerras Religiosas ocorrerem, como resposta ao livro publicado por André Thevet. A França Antártica foi conquistada pelos portugueses em 1567 e em seu lugar criaram a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. André Thevet, um frade franciscano francês, acusou os protestantes pelo fracasso da Colônia em seu livro "Cosmografia Universal". (LÉRY, 2007)

Thevet mistura realidade e fantasia. Fala de índios que carregavam canhões nos ombros, com os quais atiravam contra os portugueses. Contém inúmeras incongruências. Jean de Léry parte justamente desses elementos para contar o que segundo ele seria o verdadeiro relato do que ocorreu no Forte Coligny.

E teria eu conservado o silêncio se o dito autor se ouvesse contentado com essa série de erros. Mas ao verificar, neste ano de 1577, pela leitura da "Cosmografia" de Thévet, que ele somente repetia suas mentiras e ampliava seus erros [...] com digressões falsas e injuriosas, vi-me constrangido a dar à luz o relato de nossa viagem. [...] vou demonstrar que foi um refinado mentiroso e um imprudente caluniador. (Léry, 2007, p. 36-37)

Em resposta a Thevet e atendendo a pedidos de amigos, Léry permitiu então que seu diário de viagem fosse publicado com o título "Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil, também dita América, contendo a navegação e coisas notáveis vistas no mar pelo autor: a conduta de Villegagnon naquele país, os estranhos costumes e modos de vida dos selvagens americanos; com um colóquio em sua língua e mais a descrição de muitos animais, plantas e demais coisas singulares e absolutamente desconhecidas aqui"

O que se passa entre os dois religiosos na verdade é uma disputa do período embasado pela Reforma e Contra Reforma. Ambos vieram para uma colonização francesa de caráter multireligioso, ou seja, que aceitava tanto católicos como protestantes.

Léry tem a esperança de um mundo sem guerras religiosas e suas segregações. Mas esqueceram-se que com eles as disputas também atravessaram o mar e os conflitos entre os adeptos religiosos ruiu a "França Antártica". Suas obras nada mais são do que um diálogo dos conflitos entre católicos e calvinistas. Thevet acusava os protestantes de hereges, mais pecadores que os próprios indígenas, já que negaram a verdadeira fé, mesmo já tendo conhecimento dela. Já Léry via os católicos como piores que os canibais, ingerindo o próprio Deus no ritual da eucaristia.

Um exemplo claro sobre a relação entre representação e práticas adotadas é o dos dois viajantes franceses ao Rio de Janeiro, André Thevet e Jean de Léry. O primeiro, [...] era católico e construiu uma imagem complexa do indígena brasileiro, ora apresentando-o como inferior ao europeu; ora, considerando-o superior aos europeus protestantes. Este posicionamento dual justificou as ações do governo francês em duas vertentes: violência em relação aos indígenas e guerras religiosas na França quinhentista entre protestantes e católicos. Já Léry, que era calvinista e adepto, portanto, da doutrina da predestinação, via os indígenas como condenados ao inferno, por não terem a fé cristã, andarem nus e praticarem a antropofagia. A partir desta constatação, os escritos de Léry levam à idéia que não é necessária, nem justa, qualquer ação de colonização, catequização ou violência para com os índios. As relações a serem desenvolvidas deveriam ser a do comércio e amizade. É certo que, para Léry, o indígena também era inferior ao europeu; porém, as práticas derivadas de tal representação eram opostas às do nosso viajante católico. (CATTOZZI, 2008, p. 14).

Fonte de imenso valor para o estudo das origens do país, narrando a vida e os costumes dos tupinambás, e a história da França Antártica, também foi traduzida em latim, alemão e holandês. Considerada uma das grandes obras em meio à literatura de viajantes franceses do século XVI o autor relata as experiências vividas em meio ao projeto efêmero de colonização francesa ao sul do Brasil.

A obra divide-se em vinte e dois capítulos, sendo que os seis primeiros são dedicados à partida da Europa, a viagem propriamente dita e a chegada ao Brasil. Do sétimo ao vigésimo capítulo seguem as descrições sobre o Brasil e seu povo, e os dois últimos capítulos tratam da viagem de regresso à França.

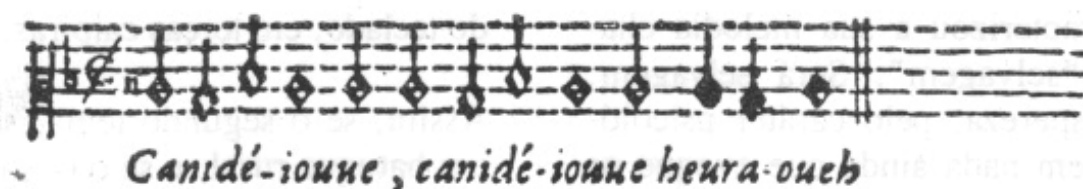
Léry faz boas descrições da natureza, da terra e dos índios. Nos anexos coloca a transcrição de duas músicas indígenas (Figura 15), e no decorrer da narrativa acrescenta alguns diálogos indígenas.

Devo começar pela descrição de ma das árvores mais notáveis e apreciadas entre nós por causa da tinta que dela se extrai: o pau-brasil que deu nome a essa região. Essa árvore, a que os selvagens chamam *arabutan* engalha como o carvalho das nossas florestas e algumas há tão grossas que três homens não bastam para abraçar-lhes o tronco. (p.167)

E disse-nos um deles: “para onde ides tão apressados, *mair?*” (assim chamavam os franceses). “Vínhamos salvar-vos e tirar-vos da água”, respondemos.

Mas o selvagem replicou: “Agradecemos a vossa boa vontade, mas pensáveis que por termos caído no mar estávamos em perigo de afogar-nos? Ora, sem tomar pé nem chegar à terra ficaríeis oito dias em cima d’água. Temos muito mais medo de sermos pegados por um peixe grande que nos puxe para o fundo do que afogar-nos”. (p. 163).

Figura 15: Trecho de canção tupinambá.



Fonte: LÉRY (2007, p. 150).

Escrito dezoito anos após sua estada no Brasil, a obra de Jean de Léry obteve enorme sucesso junto ao público europeu. É justamente a parte relativa

aos indígenas que destaca o texto do autor, transformando-o num referencial dos estudos antropológicos brasileiros. Lido em seu tempo como livro de viagem e aventuras, Léry e sua obra obtiveram popularidade até o século XVIII, quando suas linhas foram transformadas em simples documento para eruditos historiadores e o preço de suas primeiras edições tornou-se abusivo. Conforme cita Sérgio Milliet em suas notas sobre Jean de Léry:

Léry revela em toda a sua obra uma qualidade notável, raríssima em seu tempo de paixões e preconceitos e só encontrável atualmente, nos espíritos mais adiantados de nossa civilização ocidental: o senso da relatividade dos costumes, a "simpatia", no sentido sociológico da palavra, que conduz à compreensão dos semelhantes a à análise objetiva de suas atitudes. (LÉRY, 2007, p. 16).

5.1.3 André Thévet e As Singularidades da França Antártica

Figura 16: Retrato de André Thevet.



Fonte: LÉRY (2007, p. 49).

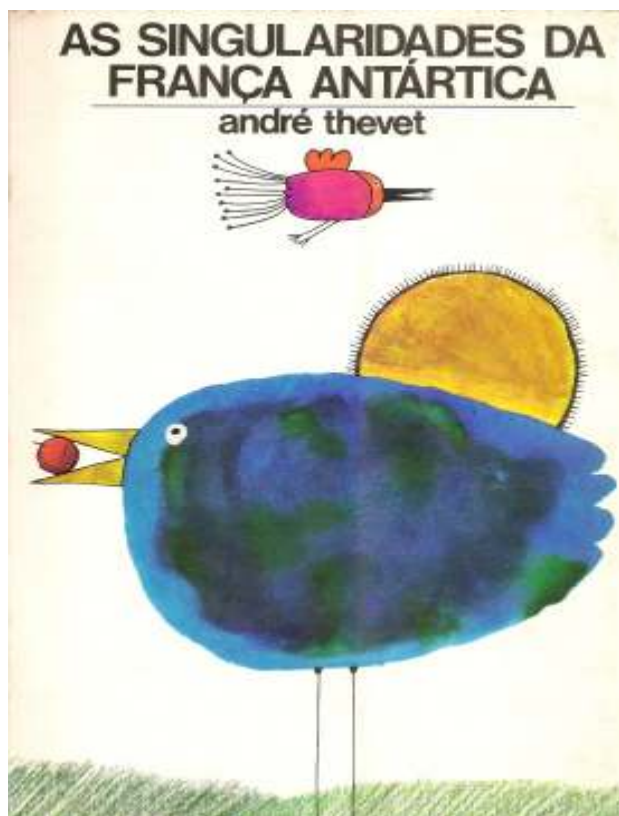
André Thevet (Figura 16) nasceu em 1502 na cidade de Angoulême, uma comuna francesa e faleceu em 1590, aos 88 anos, em Paris. Não há referência

sobre sua origem familiar o que indica, pelo período, provavelmente sua origem humilde. Essa hipótese também poderia ser citada ao observarmos a forma como Thevet escreve suas obras, citando autores antigos e modernos durante sua narrativa como que tentando legitimar suas linhas, dando um ar de ponposidade a forma simplista de seus relatos (THEVET, 1978).

Analisando sua obra podemos destacar que foi um frade franciscano, explorador, cosmógrafo e escritor que viajou ao Brasil no século XVI, escrevendo sobre os costumes dos habitantes do Brasil, sua fauna e flora. Em 1549 embarcou em uma viagem de exploração alargada a Ásia, Grécia, Palestina e Egito, acompanhando o embaixador francês Gabriel de Luetz para Istambul.

A experiência de Thevet como viajante atraiu a atenção de Nicolas Durand, o Cavalheiro de Villegagnon, que estava objetivando implantar uma Colônia francesa no território brasileiro para abrigar protestantes perseguidos e abrir espaço para a exploração mercantil. Ele pediu a Thevet para que acompanhasse a expedição como confessor (THEVET, 1978).

Figura 17: Capa da Coleção Reconquista do Brasil da obra de André Thevet.



Fonte: THEVET (1978).

Assim, sua obra “As singularidades da França Antártica” (Figura 17) seria o testemunho direto de sua viagem ao continente americano e a outras ilhas descobertas enquanto acompanhava Nicolas Durand, em sua tentativa de colonização francesa no Brasil.

Embarcou para o Rio de Janeiro na frota de Villegagnon no sexto dia do mês de maio de 1555 no porto da cidade de Havre da Graça (THEVET, 1978). André Thevet esteve no Rio de Janeiro por menos de três meses consecutivos (entre novembro de 1555 e janeiro de 1556), e como ficou doente teve que retornar a França (CATTOZZI, 2008).

Figura 18: Guerras entre tribos indígenas.



Fonte: BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

Lançado em Paris em 1558, com quarenta e uma xilogravuras (principalmente do gravador Jean Cousin) e dividido em oitenta e três capítulos, “Les singularitez de la France antartique” foi traduzida e publicada em italiano (1561) e em inglês (1568) (RAMINELLI, 2008).

Na obra descreveu as suas impressões acerca dos primeiros tempos da tentativa francesa de fundação, na América do Sul, na Baía de Guanabara, de uma Colônia. Assim, “As singularidades da França Antártica” faz um impressionante relato

descrevendo as peculiaridades do Novo Mundo (Figura 18), os costumes exóticos do povo (Figura 19) e a diversidade da natureza local (Figura 20)²⁶.

Figura 19: Saudação lacrimosa à chegada de um visitante.



Fonte: BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

Figura 20: Preguiça ou Ai.



Fonte: BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

²⁶ A não utilização constante de suas xilogravuras na análise posterior deste trabalho se justifica justamente por estas representarem muito mais a diversidade da natureza do que o corpo feminino.

Chama-nos a atenção que em nenhum momento Thevet apresente-se como religioso em toda sua obra, preferindo assumir-se como cosmógrafo da esquadra de Villegagnon, provavelmente para ser associado a um respeitado estudioso e não a um frade franciscano. Porém, sua visão religiosa não escapou a fundamentação teórica que seguem no decorrer de sua narrativa e de suas xilogravuras (Figura 21).

... habitada por povos maravilhosamente estranhos e selvagens, sem fé, lei, religião e civilização alguma. Isso sem falar nos cristãos que após Américo Vespúcio, vieram colonizá-la. Os selvagens vivem à maneira dos bichos, tais como os fez a natureza, alimentando-se de raízes e andando sempre nus, tanto homens como mulheres, pelo menos até que, ao contato com os europeus, se venham despojando, aos poucos, dessa brutalidade e vestindo-se de um modo mais conveniente. À vista do que devo louvar afetosamente ao Criador por me ter esclarecido a razão e por não ter permitido que eu fosse um bruto semelhante a um desses pobres selvagens. (THEVET, 1944, p. 175).

Figura 21: Xilogravura de André Thevet sobre sua visão do Novo Mundo.

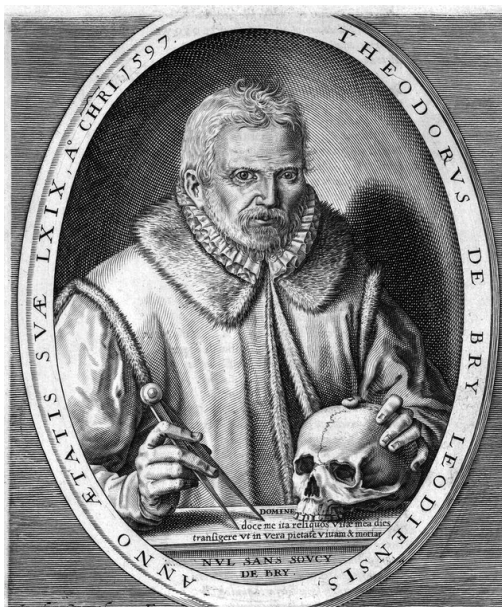


Fonte: LÉRY (2007, p. 197).

André Thevet e sua obra sobre o Brasil permanecem úteis àqueles que estudam os primeiros encontros dos franceses com o Mundo Novo. Pois sua obra, com suas descrições extensas e xilogravuras, dão uma imagem bem ampla do conhecimento histórico e geográfico do século XVI e o imaginário europeu sobre as terras além mar.

5.1.4 Theodore de Bry e sua *America Tertia Pars*

Figura 22: Auto-retrato de Theodoro de Bry.



Fonte: WIKIPÉDIA (2013).

Theodore de Bry (Figura 22) nasceu em 1528 em Liège, Bélgica (no século XVI estava sob domínio espanhol) e faleceu em 1598, aos 70 anos, em Frankfurt, estado de Hesse, Alemanha. Foi gravador, ourives e editor, especialista em xilogravuras de cobre.

De família rica Bry perdeu todos os seus bens ao ser exilado por converter-se ao calvinismo, passando a ser vítima das perseguições religiosas promovidas pelos espanhóis católicos. Refugiou-se em Estrasburgo, cidade ao leste da França, onde havia certa liberdade religiosa e política, e que também fora um centro de expansão do protestantismo, além de um importante mercado editorial. (PEREIRA, 2009).

A partir da expansão marítima, do advento da imprensa e da melhor qualidade de reprodução e impressão, os relatos de viagens ilustrados ganharam mais espaço. Nas palavras de Chicangana-Bayona (2006, p. 16):

Os livros ilustrados ganharam maior difusão e converteram-se em um método sofisticado de comunicação, não só para ajudar a simples leitura de semianalfabetos, mas agora também para atender á demanda de uma elite cultural.

Dentre seus trabalhos, destaca-se “*Thesaurus de Viagens*” ou “*Collectionnes Peregrinatorum in Indiam Occidentalem et Indiam Orientalem*” (“Grandes Viagens”), composto de 13 volumes. Theodore De Bry começou a trabalhar nos vários volumes em 1590 e completou os seis primeiros antes de sua morte. Os livros foram publicados em alemão e latim e sua esposa e filho foram os responsáveis pela continuação do projeto (STADEN, 2008).

O trabalho é inspirado no diário de viajantes que descrevem os povos nativos da América e do Leste Asiático (BIBLIOTECA MARIO DE ANDRADE, 2013) . Ou seja, Theodore de Bry desenhou os nativos sem nunca tê-los visto e é responsável pelas imagens dos povos do Novo Mundo, que com a ajuda da imprensa em ascensão, começavam a circular na Europa em uma linguagem mais acessível para a maioria dos letrados.

Publicou, em 1592, o terceiro volume intitulado “*America Tertia Pars*” (Figura 23), que é dedicado às narrativas do Novo Mundo. Esta terceira parte é baseada nas narrativas do alemão Hans Staden e do francês Jean de Léry sobre as viagens ao Brasil.

Figura 23: Capa da edição de 1605 do terceiro volume da obra “Grandes Viagens” intitulado “*America Tertia Pars*”.



Fonte: BIBLIOTECA MARIO DE ANDRADE (2013).

Ao mesmo tempo em que ajudaram a impulsionar a colonização das Novas Terras, os livros ilustrados com as narrativas do Novo Mundo, serviram também para promover a meditação religiosa. O mundo estava dividido em três partes, a Europa, Ásia, e a África. Existia o pensamento de que se houvesse outra parte, além das três estabelecidas pela trindade, essa não seria abençoada por Deus. Atravessar as barreiras “Cristãs” do mundo conhecido tinha então um caráter profano.

Assim sendo, o Cristianismo, bem como suas reformas, servem de fundamentação religiosa para o colonialismo e é neste contexto que se inserem os primeiros volumes da coleção editada por Theodore De Bry que disseminaram o imaginário sobre a América canibal.

Contatos sucessivos demonstraram que os povos das “recém-descobertas ilhas” eram monstruosos não na forma, mas em seus hábitos, e o canibalismo se tornou uma das representações mais comuns nas representações visuais e escritas dos nativos americanos [...]. (BRIENEN, 2010, p.62)

[...] Finalmente, é importante ter claro que o artista não “pintava o que via”, ou seja, o contato com o mundo natural é relativo. Ainda na Renascença, quando esta ideia começa a ganhar destaque, tal observação não é direta, já que se fazia através dos cânones, isto é, a partir de fórmulas esquemáticas que triunfaram e se converteram em convenções. Foi a partir delas que um artista como Theodoro de Bry representou o índio, não importando que ele nunca tivesse visto um nativo do Novo Mundo. (CHICANGANA-BAYONA, 2006, p.43).

Dentre os autores descritos neste trabalho sem dúvida nenhuma, apesar de rara biografia encontrada, Theodore de Bry é o mais significativo, pois foram suas xilogravuras, edições “melhoradas” principalmente das xilogravuras de Hans Staden, que foram reproduzidas em obras posteriores. Foram suas xilogravuras que ganharam cores com a evolução da imprensa, que ilustram livros de história do Brasil colonial desde o século XVIII e que inundam os sites sobre canibalismo no século XVI.

Theodore de Bry, ao organizar sua edição sobre o Novo Mundo não resgatou simplesmente as crônicas sobre o Brasil de Hans Staden e Jean de Léry. Ele criou novas imagens, ele transplantou um imaginário presente na Europa de seu tempo para o contorno dos corpos de nossas índias.

6 HISTÓRIAS DO CORPO, UMA CONSTRUÇÃO

O corpo tem sido visto em diversas culturas e filosofias presentes no Ocidente como um obstáculo à ascensão e libertação do espírito. Desde os gregos já se encontrava esta visão dicotômica, a morte sendo apresentada como instante de liberdade em que o corpo era forçado a abrir os grilhões que aprisionavam a alma. O pensamento socrático o considerava um impedimento à verdade por propiciar a sedução e os desvios à lógica. Platão o concebia como cárcere ou sepultura que encerrava o saber e a razão. Mas, ele não deixava de ser o lugar onde a alma repousava. (SANTOS, 1986)

O mundo não vem das mãos de um Deus bom, mas de demônios. Só a alma humana, ou seja, seu verdadeiro eu, seu verdadeiro ego, surge como uma centelha de luz de outro mundo, um mundo de luz. É capturada pelos poderes demoníacos e banida para este mundo de trevas. A alma do homem assim se encontra numa terra estranha, num ambiente hostil, acorrentada à prisão escura do corpo. Seduzida pelo clamor e pelas alegrias do mundo, corre o risco de não encontrar seu caminho de volta ao deus da luz de onde se originou. Pois os demônios tentam intoxicá-la, porque, sem as centelhas de luz, o mundo, essa criação dos demônios, torna a cair no caos, nas trevas. (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 27).

O conjunto de disposições contrárias ou de cautela em relação ao corpo difundidas pelo universo judaico-cristão salienta o cuidado da mulher com esse corpo e às suas mais variadas representações.

Essa visão, segundo Brown (1990) em sua obra “Corpo e Sociedade”, é difundida desde São Paulo e se consolida na renúncia sexual permanente, através do “apelo” à continência, ao celibato e à virgindade perene, ou seja, através de uma negação sistemática do contato com a carne – fonte de todo o pecado que “arrasta o mundo”. Esta disjunção que se estabeleceu entre alma e corpo, no cristianismo, sustentou o distanciamento e a fobia ao corpo e à carne, em particular da mulher.

Acreditava-se que a mulher tinha ligações íntimas não com Deus, mas com o Diabo – travestido no corpo de uma serpente -, sendo considerada um ser

terreno “tirado” da costela de Adão e motivo da perdição deste e da sua expulsão do paraíso.

Neste livro, Brown analisa a prática da renúncia sexual permanente entre os cristãos desde os anos 40 a 50 d.C. até a década de 430 d.C.. Ele revela que, desde o início, o cristianismo preocupou-se com a dimensão espiritual do ser humano. Para tanto, ele centrava força naquilo que poderia desviar, corromper o ser espiritual que residia naquele corpo. Assim, visou na continência do corpo, no valor da virgindade, da castidade e do celibato a correção do indivíduo e da sociedade. A continência do corpo era a negação ao ato sexual e o total desapego à carne. Deste modo, Brown constata que o cristianismo projetou, desde o início, este processo de normatização social.

A dicotomização entre corpo e alma, também, é consagrada pelas ciências. Courtine e Haroche (1995) em “A História do Rosto” e Guiraud (1991) em “A Linguagem do Corpo” constata que o rosto, no século XVI, mereceu uma atenção dos estudiosos das expressões humanas. Eles verificam que as expressões faciais emprestam diversos significados e códigos culturais que estão presos à época e ao lugar social. O rosto para muitos é revelador de uma dada realidade e de uma identidade social, posto que “próximo da alma, ele é também à sua imagem: o seu espelho” (Courtine; Haroche, 1995, p. 45).

Há diversas abordagens do corpo, desde a natural – biológica – até a cultural e ideológica. Porter (1992), em a “História do Corpo”, considera que:

Seria simplista demais assumir que o corpo humano existiu eternamente como um objeto natural não problemático, com necessidades e desejos universais, afetado de maneiras variadas pela cultura e pela sociedade (em uma época, ‘reprimido’, em outra, ‘liberado’). Tal divisão grosseira entre natureza e cultura seria obviamente inútil; e seria equivocado proporcionar ao velho dualismo mente/corpo uma nova vida, tentando-se estudar a história (‘biologia’) do corpo independente das considerações (‘cultutais’) da experiência e da expressão na linguagem e na ideologia. (p. 303).

O disciplinamento do corpo é estudado com afinco por Foucault em sua obra “Vigiar e Punir” (2007b). Ao se preocupar com o corpo visa compreender como o poder influencia e é exercido nos microespaços pelos indivíduos e pelos diversos grupos sociais. Assim, estudar o controle e o processo de normatização

das condutas, atitudes e comportamentos humanos, traduz-se em Foucault numa análise apaixonada, mas desencantada da sociedade quando se observa que todos os indivíduos, mesmo estando no menor dos espaços têm mecanismos repressivos e ordenadores da sociedade. (FOUCAULT, 2002; 2003; 2007a).

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa tão unicamente o aumento de suas habilidades, nem tão pouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Formase, então, uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). (FOUCAULT, 2007b, p. 119).

As leis, o direito, se inscrevem no corpo. Certeau (1996) e Clastres (1988) como Foucault constataram que os códigos penais, de identificação social, os rituais de passagem, em sua maioria, dizem respeito ao corpo, seja no estabelecimento dos laços de sociabilidade, de identidade ou de punições. É no corpo que se marcaram os códigos sociais. É Certeau (1996, p. 231) quem diz

Do nascimento ao luto, o direito se ‘apodera’ dos corpos para fazê-los seu texto. Mediante toda sorte de iniciações (ritual, escolar etc), ele os transforma em tábuas da lei, em quadros vivos das regras e dos costumes, em atores do teatro organizado por uma ordem social. E até para Kant e Hegel, não há direito sem pena de morte, ou seja, sem que, em casos extremos, o corpo assinale por sua destruição o absoluto da letra e da norma.

Em “As técnicas do corpo”, Mauss (2003) ilustra, analisa e constata que em diversas sociedades o corpo é um instrumento de reconhecimento social, constrói identidade e ordena a sociedade a partir do valor cultural e educacional que lhe é atribuído. Ele constata que o corpo é educado por técnicas de manipulação que as instituições usam no intuito de fazê-lo funcionar bem, segundo seus interesses.

Na trilha teórica aberta por Mauss encontramos o trabalho de Rodrigues (1983) que consagra a dualidade entre sagrado e profano, puro e impuro, numa

reflexão sobre a vida, a estrutura e o funcionamento da sociedade. Ele busca aprofundar a relação existente entre as dimensões de natureza e de cultura presentes no corpo. O corpo naturalizado ou artificializado pelos simulacros é um reflexo das representações sociais. As oposições pulsionais são constituintes e constituidoras do corpo e do universo simbólico que envolve os indivíduos.

O que se destaca, por fim, em inúmeros estudos é a preocupação com o corpo que provoca receios, medos à ordem social ou cósmica. Deste modo, o corpo que se faz objeto privilegiado de análises e cuidados na sociedade ocidental tem sido aquele dos indivíduos dos segmentos apartados do poder ou que vivem na clandestinidade. Porém, se isto é verdadeiro, faz-se necessário, ainda, uma correspondência teórica em relação aos corpos dos negros da terra e femininos, muito embora sejam eles que invariavelmente estejam na pauta cotidiana dos mecanismos de normatização, normalizações, ou melhor, de correções sociais durante o período colonial brasileiro do século XVI.

O corpo, desta forma, é mediador, emissor e receptor de um saber e de um poder que transmite a memória da humanidade às gerações futuras.

6.1 Mulher invisível, corpo visível

Neste contexto, os estudos da mulher abrem um novo conhecimento sobre o feminino, porém que se inicia, no Brasil, na década de 1970. A descoberta do feminino em nossos estudos, segundo Del Priore (1992; 1993) e Algranti (1993) deu-se através de uma revisão crítica dos escritos de muitos homens, desde as diversas impressões de viajantes, passando pelas documentações oficiais e produções da intelectualidade do início do século XX, tais como as de Prado (1929), Prado Jr. (2000) e, principalmente, Freyre (1980), que descortinaram as relações cotidianas de homens e mulheres, de negros e brancos, de senhores e de escravos, de pobres e ricos.

Del Priore (1992) em “A Mulher na História do Brasil” confirma o seu interesse acadêmico e, também, político-militante pelas questões vinculadas à

mulher brasileira, sua mentalidade, seu corpo e sua sexualidade cantada em verso e prosa nas obras clássicas de intelectuais masculinos.

Ela endossa a tese de que o corpo feminino se transforma na Colônia no objeto de desejo e de disciplinamento da alta hierarquia social, política, econômica, jurídica, médica e religiosa. Del Priore reconstrói caminhos, mentalidades e práticas cotidianas de mulheres brancas e negras, livres e escravas, ricas e pobres que viviam à mercê de homens que detinham um controle sobre os seus corpos, sobretudo a parte do corpo que fica ao sul (DEL PRIORE, 1993).

Ela confirma a tese feminina de que os estudiosos do passado, sobretudo cientistas sociais e historiadores, geralmente, ignoraram a presença feminina em suas dimensões teóricas; quando a contemplaram fizeram reduções e explicações fáceis e, comumente, falsas, calcadas em um imenso senso comum, mantendo a ordem social, política, étnico-racial e sexual das “coisas” vigentes na sociedade.

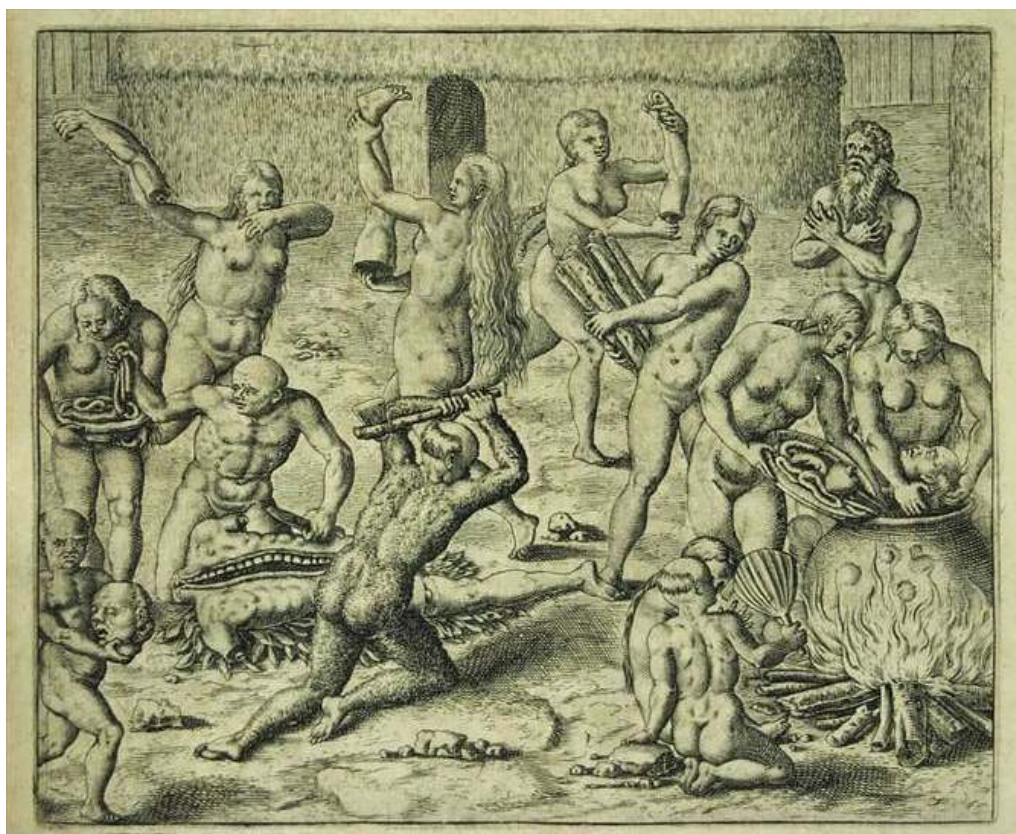
Figura 24: Como a carne do prisioneiro era comida.



Fonte: STADEN (2008, p. 187).

Ao analisarmos as xilogravuras deste período colonial, observamos uma interação de funções e articulações sociais presentes nos rituais indígenas que não distinguem ou enaltecem os gêneros (Figuras 24 e 25). Ao observarem o ritual da ingestão de carne humana são os cronistas que impõe o olhar etnocêntrico sobre suas descrições. Eles escrevem o que supõe a partir de seus cânones e não do que observam, reafirmando que nenhum olhar é neutro.

Figura 25: Cortando o corpo segundo Theodore De Bry.



Fonte: BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

A diferença entre estas duas figuras, a primeira de Staden e a segunda de Bry corroboram a ideia de que a visão eurocêntrica é por vezes estereotipada. Enquanto o primeiro tentou registrar o que via, o segundo incorpora a figura feminina em suas xilogravuras. Em uma época em que as publicações contra as mulheres enfatizavam a perseguição e caça as bruxas, as índias na visão

européia passavam a assumir essas características negativas e suas relação com agentes diabólicos²⁷.

Separam após as costas, com as nádegas, da parte dianteira. Repartem isto entre si. As vísceras são dadas às mulheres. Fervem-nas e com o caldo fazem uma papa rala, que se chama mingau, que elas e as crianças sorvem. Comem essas vísceras, assim como a carne da cabeça. O miolo do crânio, a língua e tudo o que podem aproveitar, comem as crianças. Quando o todo foi partilhado, voltam para casa, levando cada um o seu quinhão. (STADEN, 2008, p. 183-184).

Retalhado o corpo e assado à moda indígena, seus pedaços serão distribuídos entre tantas pessoas quantas pessoas ali se encontrem. Cada pessoa recebe seu naco. Geralmente, às mulheres cabem as entranhas. A cabeça, eles a reservam para espetá-la na ponta de uma vara que é colocada sobre suas ocas, como sinal de vitória e triunfo. Causa-lhes prazer especial espetar a cabeça de um português... (THEVET, 1978, p. 132).

Del Priore busca uma nova perspectiva teórica que possibilite a expansão dos estudos para além das esferas rígidas do Estado, das organizações privadas e das instituições jurídicas e religiosas, bem como das análises de estrutura e de conjuntura, a fim de olhar para as manifestações das mulheres portadoras de cultura, de subjetividade.

Ela traz à tona essas personagens para os cenários social, político, econômico, jurídico, cultural, religioso e sexual. Ela tem razão quando salienta que a história da condição feminina na Colônia passa pela história de seus corpos, controlados, negados ou, por vezes, libertos até demais, porém sistematicamente vigiados pelos homens, seja os do Estado, da igreja ou da medicina. Porém, ela não traz à tona a figura da índia e sua condição histórica perante a construção deste olhar etnocêntrico.

É importante ter claro que o artista não “pintava” o que via, ou seja, o contato com o mundo natural, com o mundo dessas mulheres indígenas é relativo. A observação não é direta, pois são pautados em convenções. (CHICANGANA-BAYONA, 2006). Neste momento não há controle sobre estes

²⁷ Note-se que ao registrar o esquartejamento do corpo do prisioneiro, Theodore de Bry além de inserir a figura da índia tupinambá, ainda destaca estas mulheres se divertindo com os pedaços do corpo enquanto Staden olha indignado para a cena.

corpos, não há vigilância, por isso o choque expresso na subjetividade das expressões de Hans Staden.

Figura 26: As mulheres pintando o ibirapema e o rosto do prisioneiro.



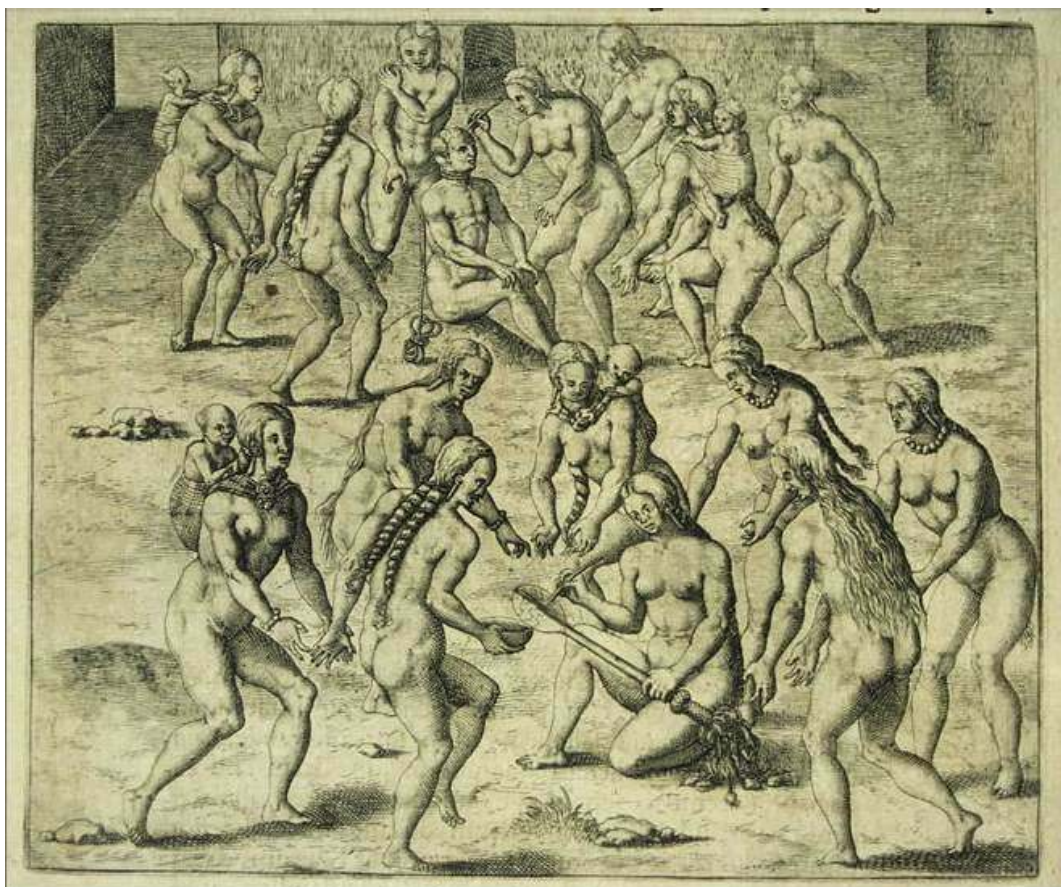
Fonte: STADEN (2008, p. 181).

As xilogravuras registram momentos, cenários (Figura 26). Observamos o ritual de guerra dos tupinambás, estudado de forma brilhante por Florestan Fernandes (2006), o momento em que as mulheres lançam uma corda em volta de sua garganta, cortam parte de seu cabelo e as sobrancelhas. Em seguida, pintam o ibirapema²⁸ e dançam.

Nesse contexto é que a sexualidade, a família, o corpo, a mulher indígena, são convocados a participarem como protagonistas da realidade social. Esse subterrâneo social que encontra espaços e oxigênio para as pesquisas, para o trabalho intelectual, propiciando uma nova aprendizagem e nova apropriação do cotidiano do primeiro século do Brasil Colônia.

²⁸ Vara de matança. No ritual era de responsabilidade das mulheres o preparo da ibirapema cobrindo-a com uma espécie de cola e conchas cinzentas esmagadas. (STADEN, 2008).

Figura 27: Preparações ritualísticas antes da matança.



Fonte: BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

É na representação de Theodoro de Bry (Figura 27) que encontramos os estereótipos eurocêntricos, onde esse corpo feminino enaltece sua nudez, seus seios firmes, seus longos cabelos e os ornamentos que as índias carregam. As pinturas corporais tão presentes nas xilogravuras de Staden dão lugar na versão de Bry ao delineamento corporal, ao enaltecimento de um corpo idealizado, perfeito, que se pautava nas esculturas gregas retomadas pela arte europeia deste período. (CHICANGANA-BAYONA, 2006)

Os estudos mais recentes sobre o segmento feminino não ficam parados na denúncia da exploração e da submissão da mulher. Eles estão preocupados teoricamente com a possibilidade de dar visibilidade à vida submersa, ao poder informal, à resistência surda e à mentalidade destes seres anônimos ou pouco estudados pela “história oficial”, eminentemente masculina. . Algranti (1993, p. 57), por sua vez, “observa que não é a introdução de um novo tema, mas uma nova forma de se aproximar do objeto de estudo”.

São as mulheres que recebem Hans Staden na aldeia de Ubatuba (Figura 28 e 29), são elas que o preparam que o inserem na lógica social tupinambá, amarrando-lhe o pescoço, raspando suas sobrancelhas e o espanto com a barba que Staden não lhes permite tirar. É com estas mulheres, portanto, que todos os prisioneiros têm seu primeiro contato com os rituais dos nativos.

Figura 28: Aldeia de Ubatuba



Fonte: STADEN (2008, p. 90).

Perguntei também se me matariam logo, mas elas responderam: “ainda não”. Caminhou então para mim uma das mulheres do grupo. Tinha uma lasca de cristal presa a um instrumento, que parecia um ramo encurvado, e com isso raspou-me as sobrancelhas. Quis cortar-me também a barba, mas nisto não consenti e disse-lhe que deviam abater-me com ela. (STADEN, 2008, p. 90-91)²⁹.

Quando os índios retornaram com Staden, eles o deixaram com as mulheres e entraram em uma das cabanas para beber e

²⁹ Estas passagens juntamente com as xilogravuras são apenas um exemplo, dentre outras, de como os índios tupinambás não gostavam de pelos pelo corpo, esfregando pedras para extraí-los.

comemorar seu cativo. As mulheres começaram a dançar e gritar em torno do preso. Quiseram cortar sua barba, mas ele disse que morreria com ela, assim elas o deixaram, dizendo que ainda não estavam prontas para o matar. (BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE, 2013, digitalização 5).

Figura 29: Staden levado para a aldeia de Ubatuba.



Fonte: BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

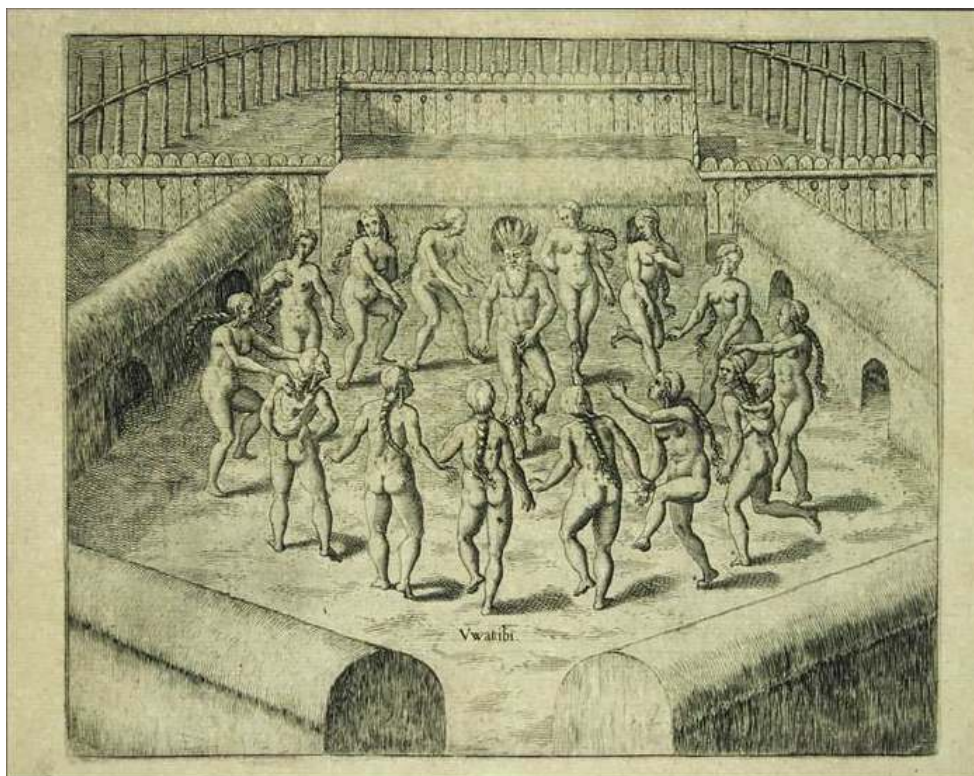
São estas mulheres que transportam o prisioneiro para seus rituais (Figura 30 e 31), seus costumes. Expressam sua alegria e não a repulsa com o outro, que é diferente delas e, portanto, fascinante. A misoginia, o ódio, o desprezo ou repulsa ao gênero feminino e às características a ele associados e presentes no século XVI não estão presentes nestas xilogravuras, podendo abrir um campo infinito para novas análises.

Figura 30: Dançadas mulheres, aldeia de Ubatuba



Fonte: STADEN (2008, p. 92).

Figura 31: Como as mulheres indígenas importunam seus cativos segundo Theodore de Bry.



Fonte: BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

É com este deslocamento do olhar para os destituídos da voz e da vez que as ciências sociais, particularmente a história, encontraram a mulher, suas práticas e sua cultura de resistência.

Neste contexto, alguns estudiosos lançam luzes sobre a vida feminina no Brasil. Além de Algranti e Del Priore, a quem já nos referimos, Raminelli (2004) e Araújo (2004) debruçam-se sobre esta temática demonstrando a partir de suas pesquisas as relações sociais existentes entre os tupinambás e a importância de cada indivíduo para esta lógica social, como podemos observar nas Figuras 32 e 33. Uns com mais tenacidade, outros com menos afã, mas nem por isso deixando de contribuir com o desvendamento de um cotidiano austero, cruel e violento recheado de proteção educação e resistência.

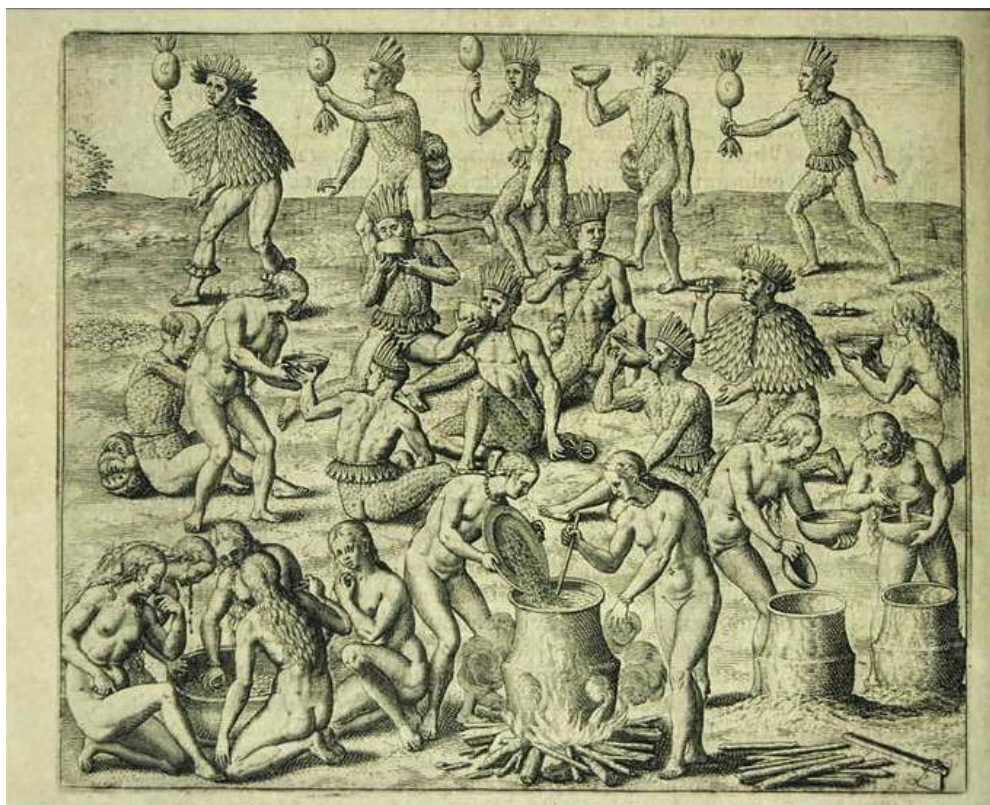
O que fica claro é que esta mulher, no período colonial brasileiro, justamente por estar inserida em uma lógica social anterior aos estereótipos europeus, será a grande protagonista da política de povoamento dos portugueses.

Figura 32: Mulheres trabalhando na fabricação de bebidas.



Fonte: STADEN (2008, p. 166).

Figura 33: Como os índios preparam as bebidas em Bry.



Fonte: BIBLIOTCA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

Corroboram com as figuras o trecho que mostra o preparo de bebidas, como explica Staden (2008)

As mulheres fazem as bebidas. Tomam raízes de mandioca e cozinham grandes paneladas cheias. Uma vez cozida, retiram a mandioca da panela, passam-na em outras, ou em vasilhas, e deixam-na esfriar um pouco. Então se assentam as meninas perto, mascam-na, colocando-a numa vasilha especial (p. 165).

Léry (2007, p. 129-130) ao discorrer sobre este assunto comenta que

Cumprido, desde logo, notar que os homens não se envolvem de maneira nenhuma na preparação da bebida, a qual, como a farinha, está a cargo das mulheres. [...] tendo os homens a firme opinião de que se eles mastigarem as raízes ou o milho a bebida não sairá boa. Consideram tão indecente ao seu sexo meter-se neste trabalho quanto nós consideraríamos indecente que os camponeses seminus de Bresse ou de outras regiões pegassem na roca para fiar.

Scalia (2009) pontua que em face da carência de brancas, a Coroa não facilitava a abertura de recolhimentos e de conventos para as moças com idade de se casar e de gerar filhos. Constata-se assim, que a mulher na Colônia tinha o papel exclusivo de procriar enquanto a Coroa Lusa e a igreja promoviam políticas de normatização da sua sexualidade e do seu espírito.

A falta de brancas fez os colonos procurarem nas indígenas aplacar os seus desejos e apetites sexuais, contrariando os interesses da igreja. Os jesuítas para deterem o processo miscigenatório se esforçaram para a vinda de algumas órfãs e outras brancas da metrópole a fim de se casarem aqui. O Padre Manuel da Nóbrega teve como empreendimento também a criação de casas de retiro e de reclusão no intuito de dar assistência e educação à algumas mulheres, sobretudo índias forras. Segundo nos informa Leite (1956) em “Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil”, a empresa deste jesuíta educava e, posteriormente, encaminhava a moça para o casamento.

Já que escrevi a V. A. há falta que nesta terra há de mulheres com que os homens casem e vivão em serviço de N. Senhor apartados dos peccados em que agora vivem, mande V.A. muitas órfãs e, se não houver muitas, venhão de mestura dellas, e quaisquer porque são tão desejadas as mulheres branquas quá, que quaiquer farão quá muito bem à terra, e ellas se ganharão e os homens de quá apartarse-ão do peccado. (LEITE, 1955, p. 114).

O matrimônio e a maternidade tornaram-se os grandes alvos da igreja sendo necessário influir na mentalidade dos colonos a partir da eleição da mulher como o ser perfeito desde que fosse mãe, reta em seus comportamentos sexuais e reprodutora dos valores cristãos para sua prole, assemelhando-a à Virgem Maria (RAMINELLI, 2004). Visava-se consolidar a disposição masculina e religiosa de disciplinar o corpo e os desejos femininos para os interesses coloniais.

Desta forma, o matrimônio e a maternidade se transformaram na mentalidade de muitas mulheres da época como a única condição possível de existência, isto é, na tábua de salvação de mulheres “perdidas” e mesmo de “honestas”, sendo remédio para os casos de desvios morais e religiosos, auxiliaram no combate ao concubinato e à mancebia (SCALIA, 2009).

O nosso estudo ao ter negras da terra como protagonistas e ao se dedicar à leitura desse corpo feminino, lembra que desde Mauss (2003) há uma constante preocupação com a desnaturalização do corpo por estudiosos de diversas áreas do conhecimento. De Mauss a Foucault muitos estudiosos têm analisado, interpretado, o corpo enquanto um (con)texto social.

Mulheres que interagem entre si para o bem maior que é a manutenção de suas crenças e do seu eixo social, o coletivo em detrimento do individual muito mais comum aos olhares europeus (Figura 34).

Figura 34: Mulheres e crianças sorvendo o mingau feito do intestino e líquidos do morto.



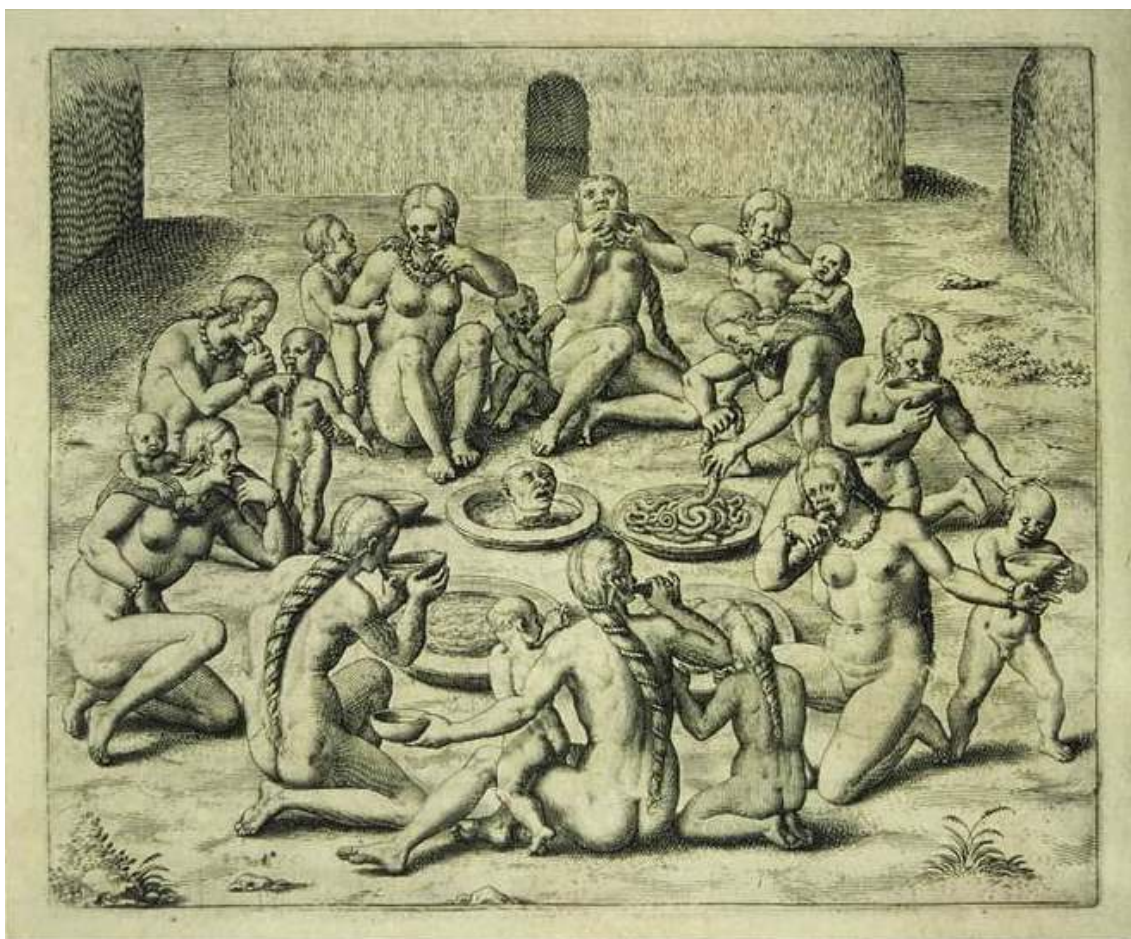
Fonte: STADEN (2008, p. 186).

Enquanto Staden e Léry registraram situações presenciadas, mesmo que sem neutralidade, Bry vai além ao supor coisas que não viu e transfigura para cada uma de suas xilogravuras as representações sexuais a que está inserido. Assim, ele não apenas descreve uma cena, ele a cria. Ora por um corpo

idealizado, ora pelo prazer que expõe nas feições das mulheres e no detalhe de lamberem seus dedos em certos rituais.

Suas índias não têm apenas cabelos longos e arrumados, não são apresentadas apenas com seus corpos ornados. Isto não basta para enaltecer estereótipos. Theodore de Bry a todo o momento relaciona a nudez feminina, seus corpos torneados e o prazer. Ora por comerem vísceras (Figura 35), centralizando uma cabeça humana para lhe dar destaque sobre o prazer de comer carne de um semelhante, ora pelo prazer da morte em si.

Figura 35: Um caldo de carne é feito dos intestinos.



Fonte: BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

Encontramos, porém, em várias obras, tais como “Pureza e Perigo” (1966) de Douglas, “A Violência e o Sagrado” (1998) de Girard, “As Confissões” (2004) de Santo Agostinho e “A Sociedade Contra o Estado” (1988) de Clastres, uma

preocupação em desenvolver uma análise, um texto, sobre o corpo. Esses textos têm o corpo como fundamento de seus argumentos teóricos.

O corpo, nestes últimos anos, tem sido analisado como fonte de representações da sociedade. Nas palavras de Del Priori e Amantino (2011):

O corpo humano nunca esteve tão “na moda” como hoje. Em nenhum momento da história, as formas, a aparência, a textura ou seu cheiro foram tão disputados por leigos e especialistas. O mundo pós-moderno criou um tipo de corpo e todos os demais, para serem aceitos, devem se encaixar no modelo (p. 09)

Os atuais estudos de Del Priori (2011), Schettini (2011), Bercito (2011) e Parada (2011), porém não têm aprofundado ou mesmo mencionado o corpo das negras da terra do século XVI. Talvez por conta deste mundo globalizado em que vivemos, há um silêncio sobre o corpo e a corporeidade dessas mulheres, um silêncio sobre o passado em detrimento das relações presentes.

Ao tratarem as mulheres genericamente não evidenciam suas diferenças sociais, culturais e históricas, bem como a linha de cor que delimita atributos, papéis e direitos definidos a priori pelos grupos hegemônicos da sociedade colonial brasileira.

É perceptível que quando se analisa a mulher “genericamente”, ela é a branca que se situa majoritariamente no setor produtivo da economia formal, aparecendo nas estatísticas oficiais, nos dados históricos, tornando-se, portanto, paradigma para outras mulheres. Essa característica nos estudos sobre a mulher deve-se em parte à situação mais do que marginal da negra da terra na história política, econômica e cultural do Brasil.

O corpo e a corporeidade das mulheres, principalmente as negras da terra no primeiro século de colonização do Brasil, são objetos da vigilância e da normatização social, pois fomentam o prazer, o mistério e a desordem. Esses corpos femininos são, portanto, portadores de história.

Essas mesmas mulheres não encontraram margem para denunciar ou se expressar, porém, nem por isso deixaram de ser estigmatizadas pelo olhar dos que por aqui passaram. Nos primeiros relatos e crônicas sobre o Brasil, ganharam lugar de destaque no construto literário seiscentista europeu. De Hans Staden a

Theodore de Bry, os rituais indígenas guardaram especial ênfase para o papel feminino.

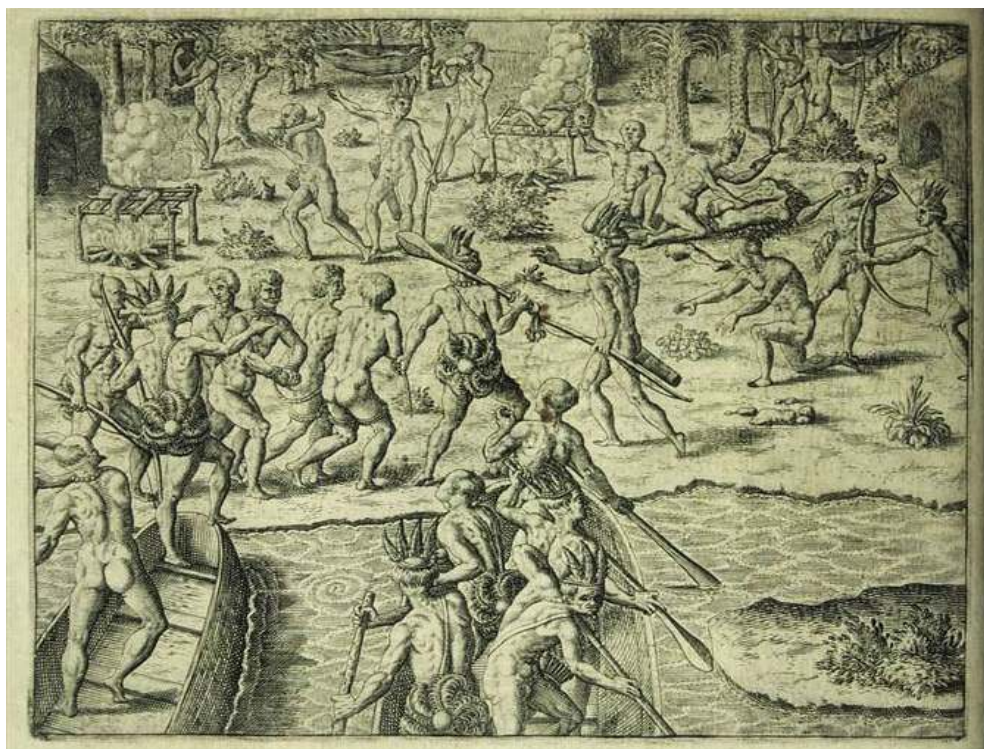
Com longos cabelos, corpos torneados e seios em exibição nas xilogravuras, a sexualidade passava a pertencer ao mundo e a corporeidade feminina, enquanto o trabalho a tônica entre o mundo masculino. Apesar dos textos destes primeiros escritores sobre o Brasil sublinharem a predominância masculina no comando da guerra e da vingança (Figuras 36 e 37), suas xilogravuras retratam o sexo feminino como principal protagonista.

Figura 36: Desembarque dos prisioneiros feitos pelos tupinambás, nas proximidades da Ilha de São Sebastião.



Fonte: STADEN (2008, p. 130).

Figura 37: O canibalismo indígena representado por Bry.



Fonte: BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

Nos desenhos da época, as nativas perderam suas especificidades para assumirem o aspecto de bruxas, feiticeiras, mulheres selvagens que se relacionavam com demônios, o que demonstra a dificuldade dos cronistas em compreender uma nova realidade cultural.

Além de estar pautado em suas observações, Bry ao reproduzir xilogravuras que anteriormente não apresentavam a figura feminina (Figura 38) e ainda dando-lhes centralidade à imagem ao recolher pedaços de corpos do chão (Figura 39), entrelaçou às alegorias divulgadas pelas iconografias européias do período, difundindo estereótipos no interior da Europa que transcenderam fronteiras de tempo e espaço.

Figura 38: Sequência de acontecimentos segundo Staden.



Fonte: STADEN (2008, p. 120).

Figura 39: Sequência de acontecimentos indígenas segundo Bry.



Fonte: BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

Primeiramente vão os selvagens a uma choça, tomam uma após outra todas as mulheres da habitação e incensam-nas. Depois deve cada uma gritar, saltar e correr em roda, até ficar tão exausta que cái ao solo como morta. Então diz o feiticeiro: “Vêde. Agora

está morta. Logo a farei viva de novo”. Quando volta a si, diz ele, está apta a predizer cousas futuras, e quando partem após para a guerra, sobre esta têm as mulheres que profetizar. (STADEN, 2008, p. 175).

[...] imediatamente as mulheres, em número de quase duzentas, se puseram todas de pé e muito perto umas das outras. Os homens pouco a pouco erguiam a voz e os ouvíamos distintamente repetir uma interjeição de encorajamento: - He, He, He, He, He. Mais ainda nos espantamos, porém, quando as mulheres, por seu turno, a repetiram com voz trêmula: - He, He, He, He. Assim aconteceu durante um quarto de hora e nós não sabíamos o que fazer. Ao mesmo tempo urravam, saltavam com violência, agitavam os seios e espumejavam pela boca até desmaiar como vítimas de ataques epiléticos; por isso não me era possível deixar de acreditar que se tivessem tornado repentinamente possuídas do Diabo. (LÉRY, 2007, p. 211-212).

O apetite sexual descrito pelos cronistas era comparado ao desejo das velhas índias tupinambás de comer carne humana (Figuras 40 e 41), reunindo em si os piores atributos de Eva (RAMINELLI, 2004).

Figura 40: O esquitejamento do corpo do prisioneiro.



Fonte: STADEN (2008, p. 185).

Imediatamente depois de morto o prisioneiro, a mulher [...] coloca-se junto do cadáver e levanta curto pranto; digo propositadamente curto pranto porque essa mulher, tal qual o crocodilo que mata o homem e chora junto dele antes de comê-lo, lamenta-se e

derrama fingidas lágrimas sobre o marido mas sempre na esperança de comer-lhe um pedaço. Em seguida, as outras mulheres, sobretudo as velhas, que são mais gulosas da carne humana e anseiam pela morte dos prisioneiros chegam com a água fervendo, esfregam e escaldam o corpo a fim de arrancar-lhe a epiderme; [...] Logo depois o dono da vítima e alguns ajudantes abrem o corpo e o espostejam com tal rapidez que não faria melhor um carniceiro de nossa terra ao esquartejar um carneiro. E então, incrível crueldade, assim como os nossos caçadores jogam a carniça aos cães para torná-los mais ferozes, esses selvagens pegam os filhos uns após outros e lhes esfregam o corpo, os braços, e as pernas com o sangue inimigo a fim de torna-los mais valentes. (LÉRY, 2007, p. 198-199).

Figura 41: Theodore de Bry representa Hans Staden assistindo a preparação do corpo do prisioneiro morto para a devoração canibal.



Fonte: BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

Seja em Staden ou em Bry, em sua excitação mordem suas próprias mãos e braços em sinal de ansiedade (Figuras 42), dando aos costumes exóticos uma abordagem superficial. Porém, em Bry apesar de um número muito maior de homens na cena, o que se justifica por conta do ritual de vingança pertencer ao mundo masculino, há novamente a centralidade feminina na xilogravura (Figura 43). As mulheres são jovens, têm seu corpo bem definido e rijos seios e aparecem mordendo suas próprias mãos e braços. As pinturas no corpo,

presentes continuamente nas imagens originais de Hans Staden, dão lugar apenas aos ornamentos corporais em Bry.

Figura 42: A execução do prisioneiro que está preso a mussurana.



Fonte: STADEN (2008, p. 184).

Figura 43: O ritual da matança por Theodore de Bry.



Fonte: BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

[...] Entrementes, afasta-se aquele que o vai matar, com outros treze ou quatorze, e pintam os corpos de côr plúmbea, com cinza. [...]; vem então o principal da cabana, toma a arma e mete-lh'a entre as pernas. Consideram isto uma honra. A seguir retoma o tacape aquele que vai matar o prisioneiro e diz: "Sim, aqui estou eu, quero matar-te, pois tua gente também matou e comeu muitos dos meus amigos". Responde-lhe o prisioneiro: "Quando estiver morto, terei ainda muitos amigos que saberão vingar-me". Depois golpeia o prisioneiro na nuca [...]. (STADEN, 2008, p. 181-182).

Souza (1971) em sua obra "Tratado descritivo do Brasil em 1587" chegou a nomear um dos capítulos de seu memorial com o título "Que trata da luxúria dêstes bárbaros", escrevendo, de fato, o mais completo resumo das torpezas ameríndias: luxuriosos ao extremo, não havia pecado da carne que os tupinambás não cometessem em matéria de incesto, poligamia e outros mais; as velhas, observou, granjeavam os meninos ensinando-lhes o que não sabiam³⁰, e todos só conversavam sujidades que cometiam a cada hora. Aos apetites libidinosos, certamente, atribuiu o hábito que muitos tinham de engrossar o pênis: "costumam pôr nele o pêlo de um bicho tão peçonhento que lho faz logo inchar, com o que se lhe faz o seu cano tão disforme de grosso, que os não podem as mulheres esperar, nem sofrer" (p. 308). E, tratando do que pouquíssimos ousavam falar, comentou serem "muito afeiçoados ao pecado nefando"³¹, do qual não se envergonhavam, e o que servia de macho dele se vangloriava, tomando essa bestialidade por proeza, ao passo que alguns efeminados armavam tendas e se faziam de mulheres públicas.

A Bíblia já havia representado a mulher como fraca e suscetível. Desde Eva, as tentações da carne e as perversões sexuais surgem do sexo feminino. Os eruditos do final da Idade Média partiram comumente da falta de autocontrole para explicar as perversões sexuais das mulheres. Aí está incluído o desejo canibal, que aproxima o ato de beber e comer da cópula.

³⁰ Por falta de parceiras jovens – já que o homem só poderia se casar quando fizesse um prisioneiro, além de outras restrições – os rapazes tupinambás "contentavam-se com as velhas, apesar de as saberem estéreis". (FERNANDES, 1989, p. 158).

³¹ Fernandes (1989, p. 160-161) afirma que a sodomia recebia o beneplácito social entre os tupinambás, embora o "papel passivo" exercido por homens fosse sujeito a insultos, utilizando-se a palavra "tivira". Quanto as mulheres que se "casavam" entre si, adquiriam "toda espécie de parentesco adotivo e de obrigações assumidas pelos homens em seus casamentos".

Em resumo, as gravuras e as narrativas sobre o ritual antropofágico destacam dois tipos de vingança: a masculina, caracterizada pela execução e pelo fracionamento do corpo e a feminina, expressa na alegria, no prazer e no escárnio. Também as gravuras remetem a trilogia “prazer, canibalismo e mulher” e às passagens bíblicas sobre Eva. (RAMINELLI, 2001, p. 33-34).

Em suma, são as mulheres indígenas que simbolizam com seus gestos e expressões corporais o afastamento da fé cristã. As mulheres e seus corpos são vistos como degenerados³² e incapazes de participarem de um novo grupo social formado além mar. Elas eram o percalço da colonização, da moral a ser instalada no Novo Mundo.

A xilogravura de Hans Staden (figura 44) é reproduzida por Theodore de Bry (figura 45) com alterações e, nesta podemos observar um moquém, ao centro da xilogravura, assando braços, pernas e costelas.

Figura 44: Assando os pedaços do corpo do prisioneiro.



Fonte: STADEN (2008, p. 188).

³² Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), foi o primeiro a definir "degeneração" como uma teoria da natureza. Buffon, incorretamente, argumentava que espécies inteiras "degeneravam", tornando-se estéreis, mais fracas ou menores devido a climas rigorosos. Essa ideia de teoria da degeneração é retomado por Raminelli em seu artigo "Eva Tupinambá" (2004) quando emprega o termo ao falar das velhas índias tupinambás, sua relação com o canibalismo e postura social dentro da tribo perante o olhar dos conquistadores.

Todas as partes do corpo, inclusive as tripas depois de bem lavadas, são colocadas no moquém, em torno do qual as mulheres, principalmente as gulosas velhas, se reúnem para recolher a gordura que escorre pelas varas dessas grandes e altas grelhas de madeira; e exortando os homens a procederem de modo que elas tenham sempre tais petiscos, lambem os dedos e dizem: *iguatú*, o que quer dizer “está muito bom”. (LÉRY, 2007, p. 199).

Ao redor há índias comendo pedaços de um inimigo. De um lado, há mulheres, duas delas saciam a vingança tupinambá comendo membros: um braço e uma perna. A primeira representa a mulher jovem, com corpo escultural, seios firmes, alguns ornamentos. Esta devora o braço sem deixar de perder certa pose, certo gesto feminino. Ou seja, dentro de um ideal de beleza europeu.

Já a segunda índia é velha, com rugas na testa, seios caídos, cabelos desalinhados e ralos. Esta lambe os dedos e degusta a gordura do morto que está sendo assado. Ela é a representação da decadência física e a aproximação do ser humano da natureza.

Figura 45: Como os índios assam a carne em Bry.



Fonte: BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE (2013).

Em resumo, as gravuras e as narrativas sobre o ritual antropofágico destacam dois tipos de vingança: a masculina, caracterizada pela execução e pelo fracionamento do corpo e a feminina, expressa na alegria, no prazer e no escárnio. Também as gravuras remetem a trilogia “prazer, canibalismo e mulher” e às passagens bíblicas sobre Eva (RAMINELLI, 2004, p. 33-34).

Se a misoginia cristã explica a ligação da imagem feminina à perversão, a teoria da degeneração permite entender as características atribuídas aos corpos das velhas índias tupinambás, ou seja, passamos, a partir desta ideia, a compreender como os estereótipos sobre o corpo na mulher nativa, índia, brasileira, começaram a ser difundidos no interior da produção pictórica europeia.

As xilogravuras demonstram que a percepção sobre as nativas não foram simplesmente organizadas e produzidas levando-se em consideração as peculiaridades da vida dos tupinambás, mas sim a partir de impasses em voga na Europa seiscentista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonólogos referiram-se ao Brasil de forma negativa no que diz respeito aos rituais indígenas, baseados de acordo com Ronaldo Vainfas (1999, p. 206) nos relatos da Carta Anua de 1585, escrita em latim e publicada na *Annuae litterae Societatis Fesu*, compilação de anuas impressa em Roma no ano de 1587, com provável autoria dada ao próprio Anchieta. Botero e Du Jarric reproduziram seus erros, quer etnográficos, quer históricos. Ainda de acordo com Vainfas (p. 209) “[...] certo é que os jesuítas eram habitues em traduzir as crenças na linguagem que lhes convinha, ofício em que Anchieta era mestre”.

Porém, nosso estudo, a partir da desconstrução, nos faz refletir que as concepções de sexualidade e corporeidade feminina são anteriores a Carta Anua. Muito antes dela, os cronistas que relataram os hábitos e a socialização dos nativos já eram responsáveis pela aproximação entre mulheres, corpos e costumes ao mundo diabólico.

O olhar hierárquico, ou a vigilância é a técnica em que o mecanismo disciplinar cinge todo o momento no desenvolvimento das ações dos indivíduos e tem como elemento indispensável um procedimento de observação constante, que tudo deve ver a fim de induzir a efeitos de poder. A importância de se observar o discurso para decompor o dito numa tentativa de reconstruí-lo está no fato de que nenhuma das atitudes e ações dos autores das obras analisadas neste estudo permaneça oculta aos “olhos”.

Os cronistas além de estarem pautados em suas observações, ao reproduzirem xilogravuras entrelaçaram-se às alegorias divulgadas pelas iconografias européias do período, difundindo estereótipos no interior da Europa.

As índias passaram a assumir as mesmas características negativas e a falta de humanidade das mulheres como um todo. A misoginia, o ódio, o desprezo ou repulsa ao gênero feminino e às características a ele associado estão presentes no século XVI e, é nesse aumento da fantasia sexual feminina e nos sentimentos de culpa sexual que irão alicerçar-se o imaginário europeu deste século. Um desejo sexual que por si só era maligno.

A preocupação teórica e política com a identidade têm arrastado a humanidade a longos debates e conflitos na sua história. No que se refere a nossa população extremamente diversificada e multifacetada devemos encará-la, tendo o suporte de várias ciências, como as ciências sociais, a filosofia, psicologia e a história, principalmente porque sabemos que a identidade é dinâmica e, estando permeada pela cultura, pelo tempo histórico e pelas estruturas cognitivas e simbólicas que forjam a nossa inserção na sociedade.

A identidade não se reduz e não se fixa no tempo, ela se faz no dia-a-dia de nossos corpos, de nossas vidas. As mulheres “negras da terra” protagonistas deste estudo também estão com suas vidas e seus corpos em desconstrução e, assim, (re)construindo suas identidades e, conseqüentemente, uma parte da identidade feminina nacional.

Assim, concordamos que a identidade é uma representação do nosso universo subjetivo, mas sendo uma representação (in)consciente que se projeta em experiências pretéritas, é reinventada no presente, recriada, não fica presa à repetição, sendo transformada pelo contexto e pelos desejos.

Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é vivida, no emaranhado das relações sociais. Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela. (CIAMPA, 1987, p. 127).

Deste modo, Ciampa (1987, p. 199) dialoga com o pensamento de Habermas, mas também com o de Foucault, quando entendem que a construção do indivíduo, do sujeito e de sua identidade é mediada, ou melhor, determinada pelas relações que são cotidianamente constituídas, também, no interior das diferentes instituições e grupos da sociedade.

Nelas normatiza-se, adentra-se, disciplina-se, educa-se, enfim, produzem-se indivíduos, e, mesmo, gostos, prazeres, desejos, afetos, opções, comportamentos, são normatizados, normalizados, segundo o padrão hegemônico. E, no que tange a este estudo, fica claro que o padrão eurocêntrico de valores cristãos recaiu ferozmente sobre a cultura da população nativa do Novo Mundo.

Essa forma padrão de ser, institui um ou outro desvio aceitável pelas instituições e pelos grupos hegemônicos da sociedade quando manipulam o indivíduo, o criam a partir do saber adquirido a respeito dele. Assim, o fazem quase à imagem e semelhança da figura representativa do poder – que também é mutável.

No que diz respeito ao nosso trabalho, observamos que essas noções e/ou conceitos sobre as identidades pessoais e étnico-raciais, abordando implicitamente, a sexual representada pelo corporal, nos possibilita tratá-las sob o ponto de vista de que elas se constroem e se consolidam diante do processo dinâmico que ocorre nas diversas transformações operadas nas relações socioculturais e econômicas.

Isso permite-nos compreender a incapacidade dos europeus em perceber e compreender a diversidade cultural dos povos do além mar. Mesmo Hans Staden que permaneceu aproximadamente nove meses em regiões brasileiras, demonstrou sua incapacidade de realmente conhecer e reconhecer o outro, principalmente esse outro feminino, representado por um olhar já contaminado por um imaginário quinhentista europeu do diabólico.

A educação sexual que se forma a partir deste olhar, destes discursos e dessas imagens concentra-se no medo, na culpa, na disciplina e no controle desse corpo feminino. Uma educação sexual forjada, construída que, ousaríamos dizer, nos foi imposta nos séculos posteriores e que matem cicatrizes profundas na memória corporal feminina.

O papel sexual de um indivíduo, desta forma, gira em torno da expectativa que a sociedade tem em relação ao comportamento e às atitudes das pessoas de um determinado sexo. O papel sexual e a atribuição dada aos corpos encontram-se em permanente transformação. Se um indivíduo desempenha o que lhe é reservado de acordo com o período histórico e a sociedade em que vive, tudo caminha perfeitamente. Caso contrário, ele arcará com pressões sociais de toda ordem. Mas os estudos ainda são incipientes, o que abre lacunas e espaços para novos estudos.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. **Capítulos de história colonial**, 1500-1800. 7 ed. Anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro)

ALGRANTI, L. M. **Honradas e devotas**: mulheres da Colônia – condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro/Brasília: Editora José Olympio/EDUNB, 1993.

ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 45-77.

BAIÃO, A. **A Inquisição no século XVI**. A Inquisição em Portugal e no Brasil: subsídios para a sua história. Edição do Arquivo Histórico Português, 1906.

BAROJA, J. C. **As Bruxas e seu mundo**. Belo Horizonte: Veja, 1978.

BARSTOW, A. L. **Chacina de feiticeiras**: uma revisão histórica da caça às bruxas na Europa. Trad. Ismênia Tupy. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

BAUMANN, T. B. Adão, Eva e os *pictas* nas selvas da Virgínia: a *admiranda Narratio* de Theodore de Bry. In: **Revista de História**, nº 19, João Pessoa, jul./dez. 2008.

BERCITO, S. de D. R. Corpos-máquinas: trabalhadores na produção industrial em São Paulo (décadas de 1930 e 1940). In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 371-404.

BETHENCOURT, F. **História das Inquisições** - Portugal, Espanha e Itália - Séculos XV-XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulinas, 1985.

BIBLIOTECA MARIO DE ANDRADE. Ilustrações de viajantes que estiveram no Brasil, 1558-1881. In: _____. **Tesouros da cidade**. Brasileira – Obras raras –

Íntegra de livros sobre o Brasil de 1551 a 1885. Acervo digitalizado de obras raras e especiais. Disponível em: <<http://docvirt.no-ip.com/demo/bma/bma.htm>>. Acesso em 27 ago. 2013.

BODIN, J. ***Démonomanie des sorciers***. Paris, 1593.

BRIENEN, R. P. Canibalizando a América – Do impulso etnográfico ao retrato etnográfico. In: _____. **Visões do paraíso selvagem** (Obra Completa). São Paulo: Editora Capivara, 2010, p.59-71.

BROWN, P. **Corpo e sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, Trad. V. Ribeiro, 1990.

CATTOZZI, V. R. W. **Andre Thevet**: um cosmógrafo-viajante no Brasil. 2008. 104 f. Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em História - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2008.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes. Trad. E. F. Alves, 2 ed.. 1996.

CHICANGANA-BAYONA, Y. A. Do Apolo de Belvedere ao guerreiro tupinambá: etnografia e convenções renascentistas. In: **História**, vol.25, nº 2, Franca, 2006, Dossiê: Cultura e Política.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a história de Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves. Trad. T. Santiago, 4 ed.. 1988.

COURTINE, J. J.; HAROCHE, C. **A história do rosto**. Lisboa: Ed. Teorema. 1995.

DEL PRIORE, M. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 3 ed., Coleção Repensando a História, 1992.

_____. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro/Brasília: Editora José Olympio/EDUNB, 1993.

_____. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: _____. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 78-114.

_____. O corpo vazio: o imaginário sobre a esterilidade entre a Colônia e o Império. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 107-129.

DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

DERRIDA, J. **Escritura e a diferença**. 3 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. Ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70. Trad. Sónia Pereira da Silva, 1966. (coleção Perspectivas do Homem, n.º 39).

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio**. Curitiba: Positivo, 2004.

FERNANDES, F. **A organização social dos tupinambás**. São Paulo: Hucitec/UnB, 1989.

_____. **A Função social da guerra na sociedade tupinambá**, Prefácio de Roque de Barros Laraia. 3 ed. São Paulo: Globo, 2006.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 13 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. Sobre a história da sexualidade. In: _____. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 25 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008, p. 243-276.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREYRE, G. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1980.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **O bicho vai pegar** - um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis. 2005. 273 f. Tese de Doutorado apresentada ao curso de pós-graduação em Educação – Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GARTON, S. **História da sexualidade**: da Antigüidade à revolução sexual. Lisboa: Editorial Estampa, 2009.

GINZBURG, C. **Os andarilhos do bem**: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 1998

GONÇALVES, H. A. **Manual de metodologia de pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

GRUPO JEAN DE LÉRRY DE LITERATURA. Retrato de Jean de Léry, 2011. 1 figura. Disponível em: <<http://literaturaquinhetist.blogspot.com.br/2011/05/cronista-do-descobrimtojean-lery.html>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

GUAZZO, F. **Compendium Maleficarum**. Trad. M. Summers. Secaucus. NJ: University Books, 1974.

GUIRAUD, P. **A linguagem do corpo**. São Paulo: Ed. Ática. Trad. L. L. de oliveira, Série Fundamentos, 1991.

HERCULANO, A. **História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal**. Porto Alegre: Ed. Pradense, 2002.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. **Visão do paraíso: os motivos endêmicos no descobrimento e colonização do Brasil.** São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro)

KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras** (*Malleus Maleficarum*). Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

LEITE, S. **Cartas do Brasil e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega** (opera omnia). Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955.

_____. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil.** São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, vol. 1, 1956.

LÉRY, J. de. **Viagem à terra do Brasil.** Tradução e notas Sérgio Milliet; bibliografia Paul Gaffarel; Colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas Plínio Ayrosa. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2007.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural.** Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 07-34.

MAUSS, M., As técnicas do corpo. In: _____. **Sociologia e antropologia.** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 399-422.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social** - teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DA CULTURA. A carta de Pero Vaz de Caminha. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2014.

MOLITOR, U. **Von Unholden und Hexen**, Nova edição, anotada e traduzida para o alemão moderno. 1 figura. UBooks, 2008.

_____. **De lamiis et phitonicis mulieribus**. Reutlingen: Universitätsbibliothek Salzburg. 1 figura. Disponível em: <<http://www.ubs.sbg.ac.at/sosa/inkunabeln/WI167.htm>>. Acesso em: 22 maio 2014.

MUSEU BRITÂNICO. **Imagem AN36883001** a partir do serviço de imagem livre do Museu Britânico. 1 figura. Disponível em: <http://www.britishmuseum.org/join_in/using_digital_images>. Acesso em: 20 maio 2014.

OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

PARADA, M. Corpos infantil e nacional: políticas públicas para a criança durante o Estado Novo. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 351-370.

PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Best-Seller, 1993.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PEREIRA, R. S. B. **O trânsito entre imagem escrita e imagem iconográfica em Theodore de Bry na representação da barbárie americana**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. 2009. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT07/7.10.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

PORTER, R. História do corpo. In: **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP. Trad. Magda Lopes, 1992.

PRADO, P. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. São Paulo: Schmidt Editor, 1929.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo: Colônia**. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro)

RAGO, M. Sexualidade e identidade na historiografia brasileira. In: LOYOLA, M. A. (Org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998, p. 175-199.

RAMINELLI, R. Eva Tupinambá. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 11-44.

_____. Escritos, Imagens e Artefatos: ou a Viagem de Thevet à França Antártica. In: **História**, São Paulo, 27 (1): 2008.

RANKE-HEINEMANN, U. **Eunucos pelo reino de Deus**: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos. 1996.

RODRIGUES, J. C.. **O tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé. 3 ed.. 1983.

REIS, G. V. dos.; RIBEIRO, P. R. M. A sexologia e a educação sexual no Brasil no início do século XX: notas preliminares de pesquisa. In: **Anais do XIII Congresso de Iniciação Científica da UNESP**, Bauru, UNESP, 25 e 26 de outubro de 2001, p.226.

_____. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p. 27-71.

_____. José de Albuquerque: pioneiro da educação sexual no Brasil. In: **Anais do I Simpósio Paraná - São Paulo de Sexualidade e Educação Sexual**. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, 2005, p. 23-24.

REMY, N. **Demonolatry**. Trad. E. A. Ashwin. Secaucus. NJ: University Books, 1974.

RIBEIRO, P. R. M. A sexualidade na história. In: _____. (Org.). **Sexualidade e educação sexual**: apontamentos para uma reflexão. São Paulo: Laboratório Editorial Unesp/Araraquara; Cultura Acadêmica Editorial, 2002 , p. 9-16.

_____. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: _____. (Org.). **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004, p. 15-25.

_____. Por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa... a educação sexual no Brasil nos documentos da inquisição dos séculos XVI e XVII. In: **Anais da 28ª Reunião Anual da ANPED**. 40 anos da pós-graduação em educação no Brasil. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Educação, 2005.

_____. **O sexo nosso de cada dia...algumas reflexões sobre atitudes e comportamentos sexuais no Brasil Colônia a partir de documentos da Inquisição**. 2007. 80 f. Tese (Livre Docência em Sexologia e Educação Sexual) – Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

SANTO AGOSTINHO. **Santo Agostinho** – vida e obra. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Coleção Os Pensadores).

SANTOS, M. C. A. dos. **A noção do corpo na antropologia platônica**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Filosofia, PUC, 1986.

SCALIA, A. C. M. A. **Sexualidade e religião**: a construção da sexualidade brasileira a partir do Santo Ofício. 2006. 51 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação em ciências sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, 2006.

_____. **A Companhia de Jesus e a formação da cultura sexual brasileira**: um estudo histórico e documental a partir dos escritos do Padre Manuel da Nóbrega. 2009. 180 f. Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em Educação Escolar - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, 2009.

SCHETTINI, C. O que não se vê: corpos femininos nas páginas de um jornal malicioso. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 315-349.

SENATORE, R. C. M. **História da sexualidade no Brasil**. 2005. 123f. Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-graduação em Educação Escolar - Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, 2005.

SILVA, T. T. da. **Teoria cultural e educação** – um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, G. S. de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

SOUZA, L. de M. e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

STADEN, H. **Véritable histoire et description d'un pays habité par des hommes sauvages, nus, féroces et anthropophages: situé dans le Nouveau monde nommé Amérique, avant et depuis la naissance de Jésus-Christ, jusqu'à l'année dernière**. Publicado por A. Bertrand, 1837, 335 p.

_____. **Duas viagens ao Brasil**. Trad. Guiomar de Carvalho Franco. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008. Coleção Reconquistando o Brasil, v. 17.

TEIXEIRA, L. **Mapa com a divisão da América portuguesa em capitanias**. 1 figura. Lisboa: Biblioteca da Ajuda. 1574.

THEVET, A. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

TREVOR-ROPER, H. **A crise do século XVII: religião a reforma e mudança social**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

VAINFAS, R. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997a.

_____. **Moralidades brasílicas**. In: NOVAIS, F. A. (Coord.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997b, v. 1, p. 221-273.

_____. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Homoerotismo feminino e o Santo Ofício**. In: DEL PRIORE, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 115-140.

WENDT, Z. **Relatos quinhentistas sobre o Brasil**. Berlim, 1993.

WIKIPÉDIA. **Auto-retrato de Theodore de Bry**, 2013. 1 figura. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Theodor_de_Bry>. Acesso em: 10 maio. 2013.

_____. **Localização de Sanlúcar de Barrameda**. 2014. 1 figura. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sanl%C3%BAcar_de_Barrameda>. Acesso em: 12 fev. 2014a.

_____. **Localização de Ubatuba**. 2014. 1 figura. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ubatuba>>. Acesso em: 12 fev. 2014b.

_____. **Mapa francês da baía de Guanabara em 1555**. 2014. 1 figura. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ba%C3%ADa_de_Guanabara>. Acesso em: 12 fev. 2014c.

WIKIPÉDIA COMMONS. **Uma bruxa fazendo chover**. 2014. 1 figura. Disponível em: <http://immaculatefire.wikia.com/wiki/File:Witch_brewing_up_a_storm.jpg>. Acesso em: 12 fev. 2014.